



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

JOSÉ DE RIBAMAR DA SILVA ALVES

**A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NAS VOZES DE EDUCANDOS E PAIS DE
UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ-PA**

CASTANHAL – PA
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PADAGOGIA

JOSÉ DE RIBAMAR DA SILVA ALVES

**A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NAS VOZES DE EDUCANDOS E PAIS DE
UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, campus de Castanhal, como requisito para obtenção da Licenciatura Plena em Pedagogia.

Sob a orientação da Prof^a Msc. Cirlene do Socorro Silva da Silva.

CASTANHAL - PA
2018

JOSÉ DE RIBAMAR DA SILVA ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de
Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, campus de
Castanhal, como requisito para obtenção da Licenciatura Plena em
Pedagogia.

Sob a orientação da Profª Msc. Cirlene do Socorro Silva da Silva.

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/2018

CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof. Msc. Cirlene do Socorro Silva da Silva.
Universidade Federal do Pará - UFPA

Examinador

Prof. _____
Universidade Federal do Pará - UFPA

Examinador

Prof. _____
Universidade Federal do Pará - UFPA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus pela conquista de mais uma grande vitória ao longo desta vida. A minha amável mãe, Corina Alves que embora não esteja entre nós, sinto sempre suas mãos protetoras. Ao meu pai Esmaelino, a minha esposa Eva Lisboa e a minha adorável filha Lislanne Alves por ser minha fonte de inspiração e aos meus demais irmãos Esmaelino Filho, Manoel, Maria, David e Lídia, assim como os demais membros da família pelo apoio.

José de Ribamar da Silva Alves

AGRADECIMENTO

Agradecer é uma tarefa complexa, tendo em vista que ao longo de uma caminhada várias foram às pessoas que caminharam ao meu lado ajudando a sedimentar as trilhas percorridas. O que hoje sou, sem dúvida, é resultado de um esforço coletivo no qual sem essa coletividade não seria possível atingir os objetivos a que me propus. Assim sendo, gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que embora não veja pessoalmente, reconheço que sem a inabalável fé nele depositado todo o esforço seria inútil e extenuante porque desconectado d'ele não seria nada.

Agradeço em nome de minha mãe Corina da Silva Alves, já falecida, creio que sua intercessão junto ao pai celestial foi sempre fundamental.

Agradeço a minha família de maneira geral, pelo amor sincero e fraternal a mim depositado e que fez toda a diferença nos momentos difíceis constituindo a base forte no qual me apoiei para que o sonho fosse possível e realizável. Destacando o meu velho pai Esmaelino Espindola Alves por se responsabilizar pela minha família nos meses de minha ausência, assim como suas orações e palavras sábias de aconselhamentos.

Agradeço a minha esposa Eva Lisboa Alves pela compreensão e apoio em tudo que precisei e minha linda filha Lislanne Alves que sempre me contagiou com sua alegria, e por ser minha fonte de inspiração nos momentos mais remotos.

Agradeço a equipe Ultragaz São Miguel pelo apoio e colaboração em nome de seus representantes Adauto e Davy.

Agradeço ao meu sobrinho Ezequiel Alves por estar sempre disponível a me orientar com relação a informática.

Agradeço também ao casal que me acolheu todos esses anos de jornada em sua casa com muito carinho, ou seja, me refiro ao grande homem Evandro Amaral e sua esposa Juciléia Amaral. A vocês minha eterna gratidão.

Agradeço a todos os meus professores da educação básica, pois tenho consciência de que vocês tiveram um papel importante na minha formação já que foram o alicerce desta construção do conhecimento em minha vida.

Agradeço as pessoas que cederam suas entrevistas, fontes essenciais para a construção deste trabalho. A escola polo que sempre me recebeu de braços abertos desde o período dos estágios até a conclusão deste estudo.

Agradeço aos colegas companheiros de toda esta longa jornada.

Agradeço todos os professores mediadores deste curso desde o primeiro ao último.

Agradeço a professora e orientadora Cirlene do Socorro Silva da Silva por contribuir construtivamente no processo do caminho tomado.

Agradeço a Universidade Federal do Pará – UFPA pela realização deste curso através do PARFOR.

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente, meu MUITO OBRIGADO!

José de Ribamar da Silva Alves.

(...) ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a
fazer o caminho caminhando (...)

(Freire, 1992: 155)

RESUMO

ALVES, José de Ribamar da Silva. **A Gravidez na Adolescência nas vozes de educandos e pais de uma escola pública de São Miguel do Guamá-Pa, 2018. 63 folhas.** Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia – Universidade Federal do Pará – UFPA, Castanhal, 2018.

Este estudo denominado de **A Gravidez na Adolescência nas vozes de educandos e pais de uma escola pública de São Miguel do Guamá-Pa**, teve como objetivo geral compreender os principais motivos que causam elevado índice de gravidez entre adolescentes estudantes que moram no espaço rural do município de São Miguel do Guamá. Para tanto, informamos alguns princípios norteadores que perpassaram diante de alguns objetivos específicos como; a) Identificar se a escola está trabalhando a orientação sexual entre adolescentes; b) Avaliar as causas relatadas pelos sujeitos desta pesquisa sobre os problemas de uma gravidez precoce; c) Analisar as implicações da gravidez precoce na vida escolar das adolescentes. E para direcionar os meandros no processo afirmamos que se trata de uma abordagem qualitativa de pesquisa de campo ao qual utilizou a técnica de entrevista semiestruturadas de caráter descritivo para a coleta dos dados no qual os sujeitos da pesquisa são duas jovens que no passado foram alunas do espaço escolar rural, os pais e a gestão escolar. A presente pesquisa se fundamentou nos principais teóricos que contribuíram para o progresso deste trabalho como Duarte (1998), Guimarães (1995), Egypto (2003) e outros. A coleta e análise dos dados será os mecanismos para averiguar as principais razões da constatação da gravidez entre as jovens adolescentes e concomitante a ausência da orientação da família e da escola no que se refere a educação sexual dificultando o conhecimento de forma preventiva. Para tanto, a referida pesquisa deixa alguns desafios, sugestões e caminhos abertos para outras pesquisas relacionadas ao tema por se tratar de um problema relevante na sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente. Sexo. Sexualidade. Educação e Orientação sexual. Gravidez Precoce.

ABSTRACT

ALVES, José de Ribamar da Silva. **A Gravidez na Adolescência nas vozes de educandos e pais de uma escola pública de São Miguel do Guamá-Pa, 2018.** Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia – Universidade Federal do Pará – UFPA, Castanhal, 2018.

This study denominated The pregnancy in adolescence in the voices of education and parents of a public school of São Miguel do Guamá-Pa, when searching to understanding the main reasons that cause high pregnancy rate among adolescents students living in the rural area of the municipality of São Miguel do Guamá. Therefore, we inform some guiding principles that have passed through some specific objectives such as; a) To identify if the school is working the sexual orientation between adolescents; b) To evaluate the causes reported by the subjects of this research on the problems of an early pregnancy; c) Analyze the implications of early pregnancy in school life of adolescents. And to direct the intricacies in the process we affirm that it is a qualitative approach of field research to which to use the semi structured interview technique of descriptive character for the collection of the data in which the subjects of the research are two young people who in the past were students of the rural school space, parents and school management. The present research was based on the main theorists who contributed to the progress of this work as Duarte (1998), Guimarães (1995), Egypto (2003) and others. The collection and analysis of the data will be the mechanisms to investigate the main reasons for the finding of pregnancy among the young adolescents and concomitant the absence of the orientation of the family and the school regarding sex education hindering the knowledge in a preventive way. To do so, this research leaves some challenges, suggestions and open paths to other research related to the topic because it is a very relevant problem in society in general.

KEYWORDS: Adolescent. Sex. Sexuality. Education and Sexual Orientation. Early pregnancy.

LISTA DE SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
PARFOR	Plano de Formação de Professores da Educação Básica
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PPP	Projeto Político Pedagógico
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO.....	15
1.1 ADOLESCÊNCIA/PUBERDADE: CONCEITOS E DEFINIÇÕES.....	15
1.2 SEXUALIDADE, ESCOLARIDADE, EDUCAÇÃO E ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	19
 CAPÍTULO II – GRAVIDEZ NA ADOLÊSCENCIA E A ANÁLISE DOS DADOS	27
2.1 O PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO.....	27
2.2 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NAS VOZES DOS SUJEITOS.....	30
2.2.1 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA FAMÍLIA.....	31
2.2.2 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.....	35
 CAPÍTULO III – CAUSAS E IMPLICAÇÕES DA GRAVIDEZ PRECOCE NA ADOLESCÊNCIA.....	41
3.1 O QUE PROVOCA A GRAVIDEZ PRECOCE?.....	41
3.2 A PRÁTICA PRÉ-MATURA DO SEXO NA VIDA DAS ADOLESCENTES.....	48
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
 REFERÊNCIAS.....	61

INTRODUÇÃO

A razão que despertou o interesse de trabalhar a temática. **“A Gravidez na Adolescência nas vozes de educandos e pais de uma escola pública de São Miguel do Guamá-Pa”**, perpassaram pela inquietação provocada ao ver que se trata de um problema que vem se agravando de modo acelerado nos últimos anos.

Segundo Diniz (2010), tal situação afeta não somente as famílias, mas, o meio social em que as adolescentes atuam, tais como a escola, uma vez que precisam abandonar os estudos para cuidar de seu filho por se tratar de uma criança cuidando de outra com riscos para ambos.

Fundamentados em Diniz (2010), Freitas (1990), Santos Júnior (1999), há também outras razões para o levantamento desta problemática que gira em torno da percepção de que o sexo prematuro entre adolescentes ocasiona por vezes, a gravidez, fato pelo qual a partir do momento em que as jovens engravidam de forma indesejada, passando a sofrer por medo dos pais, traumas das críticas que podem receber, abandono por parte do parceiro, problemas graves de saúde e ainda risco de vida quando se submete a prática clandestina do aborto.

Além disso, de acordo com Ramos (2012), outro fator que deve ser levado em consideração é que quando uma mulher concebe um filho na adolescência esta tem chance maior de estar em desvantagem econômica no futuro, em razão de muitas vezes haver abandonado os estudos. Sendo desfavorável a não conseguir uma formação profissional capaz de subsidiar um futuro promissor aliado também a falta de responsável que fique na guarda de seu filho enquanto trabalha, pois, a ausência de creches disponíveis nos municípios é uma realidade presente que contribui com o descaso na assistência a saúde e orientação as jovens adolescentes de famílias de baixa renda.

Conhecendo um pouco a realidade em questão, resolvemos elaborar uma pesquisa de campo com o objetivo de buscar compreender as razões do problema que assola a comunidade do espaço rural, se faz relevante no sentido de dialogar e entender como este fato faz parte da realidade local, buscando possíveis estratégias para ajudar e/ou socializar tal situação.

Assim, a gravidez precoce entre adolescentes é considerada um dos problemas mais relevantes do nosso país em pleno século XXI ao ver o aumento exacerbado de jovens em idade escolar grávida. Como informa as estatísticas hospitalares, os profissionais da saúde como ACS (Agentes Comunitários de Saúde) e técnicos em enfermagem. Diniz (2010), Santos (2010).

São altos os índices de gravidez indesejada entre adolescentes no Brasil como mostram os últimos dados levantados. Segundo Brito (2017), o último levantamento feito e divulgado pelo Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos do Ministério da Saúde foi em 2015, que mostrou o resultado em torno de 574 mil crianças nascidas correspondendo a mães entre 10 e 19 anos em sua maioria solteiras.

Com isso um dos objetivos deste estudo é identificar se as adolescentes estão recebendo orientações sexuais e em especialmente dentro do ambiente escolar. Pois, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente considera-se criança a pessoa até os 12 anos incompletos, e adolescentes entre 12 e 18 anos. Para o estatuto, a maioria dos casos de gravidez precoce no Brasil entre adolescentes está ligada ao abuso e violência sexual, vinda por parte de um adulto que se aproveita da falta de conhecimento e orientação por parte dessas jovens.

Outro levantamento estatístico que podemos mencionar neste processo de estudo é o Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - 2013), em sua última pesquisa compartilharam que 309 mil mães adolescentes solteiras estavam fora da escola. Nesses dados observamos que o Brasil tinha 5,2 milhões de meninas entre os 15 e 17 anos. Dessas, 414.105 já haviam concebido pelo menos um filho. Nesse grupo, apenas 104.731 estudavam. As outras 309.374 estavam fora da escola. Um pequeno grupo trabalha correspondendo a 52.062. Com isso, o número de jovens adolescentes corresponde a 257.312 que não estudam e nem trabalham.

Tendo como suposição o problema da ausência de orientação sexual trazendo como consequência uma série de fatores que atingem as famílias e a sociedade de modo geral onde as maiores causas podem estar ligadas a falta de orientação adequada, principalmente por parte da família já que são as que mais sofrem mediante tal episódio.

Logo, a partir das considerações acima buscamos com a pesquisa responder a seguinte pergunta levantada em torno de averiguar: **Quais as principais causas da gravidez precoce entre adolescentes?** Assim, de posse da inquietação salientamos o objetivo geral que permeará em compreender os principais motivos que causam elevado índice de gravidez entre adolescentes estudantes que moram no espaço rural do município de São Miguel do Guamá. Seguindo estas inquietações compartilhamos os objetivos específicos que giraram em torno de:

- ✓ Identificar se os profissionais da escola estão trabalhando a orientação sexual com as adolescentes;

- ✓ Avaliar as causas relatadas pelos sujeitos desta pesquisa sobre os problemas causados pela gravidez precoce.
- ✓ Analisar as implicações da gravidez precoce na vida escolar das adolescentes.

Portanto, este estudo em sua composição está estruturado em Introdução relatando a justificativa para a elaboração deste trabalho bem como a problemática onde as hipóteses e os objetivos foram delineados a fim de contribuir neste processo. O texto está dividido em três capítulos, o primeiro discorre sobre a base teórica abordando as questões relacionadas a Adolescência, Sexualidade e Educação, o segundo trata dos Caminhos Metodológicos adotados assim como uma parte da análise dos dados discorrendo sobre a orientação sexual na família e na escola e o terceiro aborda as causas e consequências juntamente com a análise. E por fim as Considerações Finais que relata se os objetivos foram alcançados com as perguntas da problemática respondida.

CAPÍTULO I - ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO.

Como o foco deste trabalho é a gravidez na adolescência começaremos conceituando o que significa a adolescência ou ser adolescente no passado e atualmente. Após a definição entre sexo e sexualidade abordaremos os problemas mais relevantes que acompanham essa classe em seu processo histórico e o aumento de forma exorbitante que vem ocorrendo nos últimos tempos.

1.1 ADOLESCÊNCIA/PUBERDADE: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Para Cannon (1999), a adolescência é marcada por um rápido crescimento bem como um desenvolvimento do corpo, da mente e das relações sociais. O crescimento físico é acompanhado pela maturação sexual assim como a capacidade de abstração do pensamento crítico que também se desenvolvem na juventude juntamente com um maior senso de independência emocional, pessoal e de autoconhecimento. É uma fase em que se começa a entrar em conflitos com os adultos por já acreditar ser dono de si.

Esta é, sem dúvida, uma passagem da existência da vida humana caracterizada por uma maior exposição aos riscos. A vontade natural de saber sobre todas as coisas que a vida tem a oferecer levam os adolescentes a uma permanente curiosidade e, às vezes, a experimentar de tudo o que se apresenta como novo diante de seu alcance (BRITO 2017).

Nesta fase pode ocorrer uma necessidade de experiências novas como a busca pelo uso de drogas, bebidas alcoólicas, o próprio fumo, iniciação da vida sexual, bem como desenvolver uma gestação, enquanto se completa a definição do eu, o qual definem as identidades infantis. A adolescência é “um período de moratória psicossocial por ser uma época na qual o jovem se sente livre para experimentar papéis e estilos de vida adulta”, por isso se caracteriza como uma passagem de muitas turbulências (DINIZ, 2010, p. 17).

Diniz (2010), discorre outra definição baseada no Estatuto da Criança e do Adolescente em comparação com a Organização Mundial da Saúde, na qual o estatuto define o período sob a Lei Nº 8.069/90, circunscrevendo a adolescência como um período de vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade, enquanto que a (OMS), delimita esse tempo como a segunda década de vida (10 aos 19 anos) e a juventude como um período que vai dos 15 aos 24 anos.

Para Santos Junior (1999), no Brasil a adolescência possui diferentes configurações, pois, depende da classe social em que o adolescente está inserido. Nas classes mais privilegiadas é entendida como um período de experimentação sem grandes consequências

emocionais, econômicas e sociais, sendo que neste período o adolescente não assume responsabilidade de um adulto.

Ao contrário das classes menos favorecidas economicamente, os riscos de experimentar novas experiências são maiores por se encontrarem mais expostos e vulneráveis ao mundo fora do contexto familiar, por conta da necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, a gravidez na adolescência se constitui como um agravante no processo de formação do jovem com consequências para a sua vida adulta (SANTOS JUNIOR, 1999).

Por outro lado, temos a adolescência definida como:

.... Uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, fase conhecida por adolescência e que se inicia justamente pela crise da puberdade, ocasião em que as transformações fisiológicas e morfológicas começam a impor-se fortemente, afetando, sem dúvida alguma, o desenvolvimento da personalidade. É na fase da adolescência que o indivíduo procura a sua maturidade, conquistando a sua própria e total autonomia (MARTINS, 2005, p. 43).

Segundo o autor a adolescência é marcada pelas lutas do indivíduo consigo mesmo, pelas contradições de atitudes que os jovens nesta faixa etária passam de preferencia nos anos que definem o tempo adolescente onde se acham como que procurando uma diretriz, uma definição em face da vida que tem pela frente. Como podemos averiguar;

O termo “puberdade” origina-se do latim *pubertate* sinal de pêlos, barba, penugem, e tem sido empregado porque as primeiras características sexuais secundárias a aparecer são os pêlos principalmente os pubianos. O termo “adolescência” vem do latim *adolescere* que significa crescer. A tendência universal tem sido reservar o termo puberdade para as mudanças biológicas e o termo adolescência para as mudanças psicológicas e cognitivas que acompanham o jovem no período de passagem da vivência infantil para a vivência adulta. As mudanças biológicas tendem a se consolidar por volta dos 18 anos de idade, enquanto que as emocionais e cognitivas, na atual classe média, só se consolidam, em geral, por volta dos 25 anos (PINTO, 1999, p. 91 – 92).

Outra definição da puberdade é quando a mesma serve como um marco da chegada da adolescência já que é:

A fase onde há modificações do corpo chama-se de puberdade, no caso das garotas, os seios desenvolvem ganha nova tonalidade vocal, as pernas engrossam, os lábios vaginais se tornam foco de experiência e finalmente, a menstruação. Fator preponderante, que a torna uma adolescente e não mais uma garota (DINIZ, 2010, p. 17).

O que não difere quando averiguamos a situação dos meninos que:

No caso dos garotos, surgem as espinhas e a voz engrossa, o pênis se desenvolve, a musculatura define o corpo e o foco de atenção são as novidades do sexo oposto. Inicia-se a masturbação, as fantasias e as historinhas ligadas ao ato sexual. É um período de grandes diferenças individuais e notáveis mudanças físicas. Os hormônios de crescimento e sexuais são produzidos em altas doses pelo organismo e esses impulsos que estavam em repouso agora explodem (DINIZ, 2010, p. 17).

Segundo a definição acima não devemos confundir puberdade com adolescência, acreditando ser a mesma coisa. Por um lado, temos a adolescência como um período determinado com começo, meio e fim, isto é, um espaço de tempo passageiro, acompanhado de muitas descobertas e conflitos. Quanto que a puberdade apenas marca o início desse período com mudanças físicas e bruscas. Então é um equívoco pensar a puberdade como sinônimo da adolescência, a puberdade marca a real chegada da adolescência desaparecendo logo após e, anunciando à entrada a vida adulta.

De acordo com Martins (2005), ainda enfocando o lado hormonal e da crise da puberdade, define o início da adolescência quando:

O rapaz começa a produzir espermatozoides, podendo ocorrer poluição noturna, ou seja, eliminação involuntária do líquido espermático durante o sono, muito embora os testículos só mais tarde terão plenamente desenvolvidas as suas capacidades procriadoras. Com relação a menina, tem a mocinha sua primeira menstruação; entretanto, o fato de ela menstruar pela primeira vez não quer dizer que esteja preparada para, mesmo biologicamente, ser mãe (MARTINS, 2005, p. 46 - 47).

Com base na citação do autor, quanto ao desenvolvimento da maturidade dos jovens adolescentes por mais que para eles pareçam já estarem preparados para a procriação ainda é um grande engano por parte deles, pois, não estão preparados física e emocionalmente e, quando isto ocorre prematuramente sérios riscos podem ocorrer de acordo com o Ministério da Saúde (CANNON, 1999).

Por outro lado, Pommé (2003) descreve o processo histórico sobre a adolescência afirmando que tal conceito nem sempre se deu desta forma na medida em que muitas mudanças ocorreram desde o século XVIII. Assim, as garotas saíam da infância para o mundo dos adultos arcando com os afazeres domésticos e ou cuidando dos filhos sem ao menos poder escolher seu companheiro, pois, tais escolhas eram feitas pelos pais de acordo com interesses políticos e econômicos.

Com isso, aos 15 anos uma pessoa já seria considerada adulta e logo já poderia assumir algumas responsabilidades inerentes a faixa etária como ter uma vida matrimonial. Por outro lado, casar-se cedo fazia parte dos desejos femininos e se isso não acontecesse até

os vinte e cinco anos entraria em profunda depressão por acreditar que ninguém mais se interessaria pela jovem (POMMÉ, 2003).

Esta constatação de pensamentos se perpetuou até o ano de 1890 onde a história registra que a maioridade para se casar era de 12 anos para as mulheres e 14 para os homens. Aos poucos esse limite foi se alterando até que a partir do ano de 1916 para se casar um homem deveria ter 18 e uma mulher 16 anos. Ainda de acordo com os registros históricos no passado uma pessoa que se apaixonasse por alguém que não fosse o escolhido dos pais ou mesmo que a família não concordasse apoiando a relação seria necessário aos garotos raptar as “donzelas, fugir”.

Por conseguinte, tal termo sempre existiu desde o século XVIII, mas não com os mesmos significados de hoje. Já que na atualidade temos Leis Federais que ressaltam o cuidado e a proteção aos jovens e adolescentes no que se refere:

O termo “adolescente” já existia, aparecendo nos dicionários brasileiros na década de 1830, mas ainda não utilizado com o mesmo significado de hoje. Uma menina de 14 anos, no século XIX, já era dona de casa e mãe, ao passo que uma menina da mesma idade atualmente é uma adolescente envolvida com os estudos e a preparação para o futuro. Durante o século passado, a adolescência foi se tornando um momento privilegiado: a idade da alegria, do entusiasmo, das ideias renovadoras e da criatividade. (POMMÉ, 2003, p. 86-87).

Associados a estes preceitos conceituar adolescência com a chegada da puberdade, ou seja, tempo em que os órgãos genitais já estão formados trazendo junto sentimentos de interesse e paixões, pois,

...pelos 12, 13 anos, meninos e meninas estão preparados biologicamente para serem pais e mães. É por isso que ocorrem fenômenos como a ejaculação (saída de espermatozoide nos meninos) e a menstruação (o fluxo mensal de sangue nas meninas) (VASCONCELOS, 1985, p.8).

Tais fatos ocorrem como avisos da natureza humana informando que a partir dali uma nova vida poderá começar a partir do ato sexual entre duas pessoas de sexo diferente. E por assim proceder, essa faixa etária da vida depende de cuidados especiais porque mesmo estando preparados biologicamente com todos os órgãos já formados, porém, existem outros fatores mais importantes que ainda não estão como descreve a análise a seguir:

Entretanto, não se está ainda preparado nem psicológica nem socialmente para arcar com a responsabilidade de uma nova família. Uma menina que se torna mãe aos 13, 14 anos, ou um garoto que se torna pai nessa idade não tem independência ou maturidade para educar o filho e, além do mais, isso acarreta um sério transtorno em suas vidas. Então, é bom saber que uma relação sexual pode acarretar esse transtorno. E ter um filho nunca deveria ser um transtorno: deveria ser sempre um

ato muito responsável, aceito com muita alegria, numa idade em que se pode formar uma nova família (VASCONCELOS, 1985, p. 08-09).

A partir dessa citação é possível analisar que a faixa etária que se inicia aos 12 anos se estendendo até aos 18 é uma fase passageira, como também muito rápida. Podendo ser para uns anos de muitas descobertas, de muitas aventuras, alegrias e conquistas, porém, para outros pode ser de descobertas que lhes tragam muitos sofrimentos, frustrações, transtornos, confusões seguidas de sequelas que lhes acompanharão por toda a vida, já que nem todos tem a mesma sorte, e isto está diretamente ligado a estrutura familiar com uma educação adequada, tanto por parte da família, quanto por parte das instituições escolares, bem como o meio social em que se vive.

1.2 SEXUALIDADE, ESCOLARIDADE, EDUCAÇÃO E ORIENTAÇÃO SEXUAL

Faz-se necessário uma definição detalhada do significado de sexualidade, pois há muitos que pensam ser a mesma coisa que sexo, entretanto, o termo sexualidade vai muito além que simplesmente o sexo como podemos identificar,

Pelo conceito da Organização Mundial da Saúde, a sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita a presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e se expressa na forma de sentir na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, ações, e interações e tanto a saúde física como a mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano (EGYPTO, 2003, p. 15-16).

Complementando o preceito da significação ressaltamos que:

Sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre homem e a mulher e da atração de um pelo outro para a reprodução. No mundo moderno o significado dominante do termo passa a ser fazer sexo, referindo-se as relações físicas para o prazer sexual. No senso comum, é “relação sexual”, “orgasmo”, “órgãos genitais”, “pênis”. Sensualidade é um termo também do século XIX, que surgiu alargando o conceito de sexo pois incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo. É um substantivo abstrato que se refere ao “ser sexual”. Comumente é entendido como “vida”, “amor”, “relacionamento”, “erotismo”, “prazer” (GUIMARÃES, 1998, p. 24 - 25).

Assim definido o significado em linhas gerais da sexualidade que vai muito além do ato sexual, ou seja, o sexo em si é apenas um dos elementos desse conjunto e que não é o mais importante, mas sim, o que deve ser tratado e trabalhado com mais atenção. Neste sentido,

passaremos então a abordar segundo alguns teóricos fenômenos ligados tanto a sexualidade, quanto a educação informal e formal levando em consideração as implicações que a escolaridade pode ter com relação a mesma.

Para tanto, a definição entre educação sexual e orientação sexual é relevante ao serem idênticas na familiarização da pronuncia, pois há uma diferença que deve ser distinguida. Segundo Reis e Ribeiro (2005), utiliza-se o termo educação sexual quando se refere a educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento inicialmente na família, posteriormente na comunidade com seu grupo social e religioso com a mídia entre outras fontes. Para os autores essa educação é continua indiscriminada e decorrente dos processos culturais que envolvem a aquisição de normas, regras e valores sobre o sexo.

Por outro lado, usa-se o “termo orientação sexual para se referir a um trabalho planejado, organizado, sistematizado, com tempo e objetivo limitados realizado por um profissional especializado”. O objetivo principal deste trabalho é de informar, debater e refletir sobre questões da sexualidade com os indivíduos, instigando-os a conhecer seu próprio corpo, entender sentimentos, medos e angustias a ser sujeitos de sua própria sexualidade. A escola por ser uma instituição que trabalha com educação e formação dos indivíduos, está inserida nos dois processos (REIS & RIBEIRO, 2005).

Segundo Guimarães (1995), o debate sobre as questões básicas da educação sexual na escola está aberto. Reflexões e buscas estão sendo elaboradas nos últimos anos através de experiências práticas assim como trabalhos teóricos onde se revelam reações ambíguas, as discussões apaixonadas que o tema provoca. Revelam-se o grande interesse e a paixão dos que se envolvem com o tema motivado pelo apelo de um assunto de significado profundo na vida de todos, mas que como conteúdo escolar ainda se mostra com a fragilidade de um novo estranho, que na maioria dos casos podem causar espanto e medo.

É possível que professores, diretores, coordenadores e funcionários de modo geral de instituição educativa refiram-se as inquietações físicas da puberdade e as manifestações de curiosidade sexual como problemas. Fatos como gravidez precoce, homossexualidade, uso de anticoncepcionais podem ser discriminados e reprimidos como tabus. “Abaixar a voz, abrir os olhos num susto, procurar um espaço reservado para fazer perguntas são atitudes comuns nas pessoas ao se defrontarem com temas de sexo”. É comum também o medo de represálias o que podem interpretar como mau, vindo a fazer uma denúncia contra as aulas sobre o sexo alegando falta de respeito e tidas como pornografias (GUIMARÃES, 1995, p.17-18).

Outro ponto levantado sobre essa questão em foco se refere a escola que é tão responsável na formação da sexualidade do ser humano quanto a família, por isso ela não

pode fugir da responsabilidade. “A escola é um lugar onde se está discutindo conhecimento, onde se está produzindo diálogo e reflexão”. Como descreve:

É, portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes. Na medida em que a escola se nega ou não consegue se capacitar para poder dar conta dessa responsabilidade, ela reforça a ideia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano. Ela transmite a informação de que a sexualidade é mesmo para se aprender na rua, como alguma coisa suja e informal, aprendida de qualquer jeito. (EGYPTO, 2003, p.16).

Com base em Egypto (2003) e Guimarães (1995), a ausência de uma educação sexual tanto informal quanto formal, adequada, se torna impossível evitar futuros transtornos familiar e social que segundo Tiba (2014, p. 69), um dos maiores problemas da adolescência é a gravidez. Mas a mesma pode ser evitada. Desta forma, o autor convida para a prática de um diálogo aberto com “conversas em casa, entre pais e filhos, entre irmãos, para que todos tenham intimidade suficiente e possam preveni-la. Dificilmente um jovem consegue prevenir algo que não conhece”.

Uma adolescente pode até sonhar um dia ter filhos no futuro, isto é natural. Um dia significa quando estiver em condições físicas, psicológicas, sociais e financeiras para isso. Para engravidar hoje é necessário tanto para uma mulher quanto para um homem que estes estejam biologicamente amadurecidos e preparados psicologicamente para formar família, e que tenham recurso financeiro suficiente para prover e educar o filho (TIBA 2014).

O problema é que nem sempre isso acontece, a juventude hoje influenciada por propagandas infundadas com relação a sexualidade e conseqüentemente muitos professores são mal preparados para conduzir a discussão sobre o comportamento sexual e acabam por ter condutas discriminatórias, geralmente tentando excluir das salas de aula as meninas gestantes, com o intuito de não servirem de “mau exemplo” as outras colegas. “Essa discriminação pode favorecer o desligamento das meninas da sala de aula mostrando o quanto a escola pode ser um fator de risco para essa população”. Excluir ou expulsar os jovens que vivenciam essa situação não resolve tal questão, assim como não diminui o número de gravidez nessa fase do desenvolvimento (SANTOS, 2010, p. 82).

Como podemos perceber na ratificação quando,

As primeiras relações sexuais não serão programadas, mas sim imprevisíveis, se não houver diálogos constantes, contínuos e carinhosos, cara a cara, desde a infância, entre família e adolescente. A sensação e a excitação ocorrem em momentos inesperados, em lugar não programado e a adolescente acaba experimentando uma nova situação, tendo a primeira relação sem maiores preocupações (Duarte, 1998, p.8).

Nesse sentido, é importante que os adultos saibam lidar com o descobrimento da primeira relação sexual da adolescente, sem traumas, culpas, cobranças e ameaças, pois o assunto da contracepção para as adolescentes é um problema difícil de ser enfrentado, absorvido de forma adequada e correta e é por isso mesmo que precisam de maior atenção e ajudas.

Por ser um tema difícil, muitas vezes carregado de preconceitos e tabus fica na maioria das vezes omitido ou tratado de maneira bastante inadequada na escola e na família, “mas ao mesmo tempo tão belo e tão íntimo que talvez por esse motivo seja tão difícil demarcar o quê, quando, onde e como conversar” (CAMARGO & RIBEIRO, 2000, p. 14).

Concomitante aos preceitos socializados podemos também mencionar que:

Às vezes precocemente os meninos e meninas de dez-doze anos já sabem como se dão os encontros amorosos porque leram em revistas, romances, relatos eróticos (...), filmes do gênero nos cinemas e mesmo na tevê. (...) E nesta história toda, os pais, os professores, os educadores, se não tiverem certa habilidade para conversar com eles, impondo-se por sua superioridade moral espontaneamente, passam a ser tidos como ultrapassados (MARTINS, 2005, p. 52 - 54).

De igual modo, Diniz (2010), reforça a ideia de que a família e principalmente a figura dos pais poderiam discutir e orientar seus filhos com relação às dúvidas, angústias, tabus e preconceitos muito frequentes nesta etapa da vida. Onde a maioria dos adolescentes coloca que seus pais têm dificuldades de discutir esses temas em casa muitas vezes por acreditar que é falta de respeito ou os pais podem perder o respeito com relação aos filhos. Por outro lado, o modelo de vida moderno como tanto o pai quanto a mãe por ambos trabalharem passando a maior parte de seu tempo longe dos filhos, dificultando ainda mais tal comunicação ficando por conta da informalidade distorcida e inadequada.

Por outro lado, Almeida e Centa (2009), em pesquisas realizadas afirmam que muitos pais têm dificuldades de realizar a orientação sexual de seus filhos, pois não conseguem comunicar-se com seus jovens porque não tem coragem para falar abertamente de questões referentes à sexualidade principalmente pelo desinteresse e falta de atenção por parte dos filhos para ouvi-los, pelo fato de acharem que já são muito mais modernos que os pais em abordar temas dessa natureza.

Neste sentido, Duarte (1998), reforça a ideia que,

Atualmente a geração de adolescentes está sendo bombardeada por todos os lados com informações desencontradas e fragmentadas sobre sexo. Os pais e até

professores não querem ficar com a culpa de não terem abordado o tema e acabam descarregando siglas e palavras complicadas sem dar tempo para os jovens assimilarem. Em muitos casos, quando os jovens demonstram interesse, se deparam com adultos despreparados e até com medo de tratar do assunto. O resultado são jovens cada vez mais confusos. A enxurrada de informações faz com que eles não aprendam corretamente. Esse excesso é tão desastroso quanto não informar (DUARTE, 1998, p. 59).

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam o assunto visando garantir a todos os estudantes da Educação Infantil ao Ensino Médio o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos necessários para o exercício da cidadania estabelecendo temas transversais que devem ser trabalhados em sala de aula, os quais dentre estes inclui-se a Orientação Sexual (ALMEIDA, 2008).

O objetivo dos PCNs é transmitir informações e problematizar questões relacionadas a sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores associados, sem invasão da intimidade nem coagir o direcionamento do comportamento dos alunos. Propondo ao mesmo tempo aos professores que tenham flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhar temas como Ética, Orientação Sexual explicita que o educador deve entrar em contato com as questões teóricas, leituras e discussões temáticas específica a sexualidade (ALMEIDA 2008; CAMARGO & RIBEIRO 2000).

Para Almeida (1999, p.15), “a escola tem um papel importante no processo de transmissão de informação, recomendando, portanto, que a educação sexual deve ser iniciada antes da adolescência, de modo a evitar a gravidez e seu consequente impacto no percurso escolar”. Por outro lado, Camargo e Ribeiro (2000), em sua obra, (Sexualidades e Infâncias) defendem que tal processo deve se iniciar desde a Educação Infantil sendo fortalecida na adolescência e consolidadas na juventude adulta.

Dessa maneira,

O acesso à educação é de grande importância (...) A maioria dos adolescentes é pouco informada a respeito da sexualidade para dizer não ao sexo indesejado, ou mesmo para negociar a prática do sexo seguro. Ainda assim, muitos parecem acreditar que, negando aos jovens informações sobre sexualidade e contracepção, estariam evitando o início precoce da vida sexual. O que ocorre de fato, é que a educação sexual de qualidade dá aos adolescentes condições para escolher o momento apropriado para o início da vida sexual segura, saudável e prazerosa (JUNIOR, 1999, p.10).

A adolescente com maior grau de escolaridade, assim como maiores oportunidades de obtenção de renda é menos propensa a gravidez não desejada. Em todos os casos, a jovem que engravida tem grande possibilidade de abandonar a escola se tornando difícil a sua reinserção posterior no sistema educacional. De igual modo, os rapazes, ao assumir as

responsabilidades paternas pode significar a interrupção da educação formal. (CANNON 1999; ALMEIDA 2008; POMMÉ 2006).

Com relação aos pais adolescentes, aqueles que resolvem assumir tanto a paternidade, quanto a jovem mãe, tal gestação impediu de continuar estudando, por haver a necessidade de trabalhar para prover o sustento da nova família constituída, marcando bruscamente sua transição de adolescente para a vida adulta, e ainda, se submeter a trabalhos informais, com ganhos que muitas vezes não chegam a nem um salário mínimo e também se submetendo a qualquer tipo de trabalho sem as vantagens asseguradas por lei e pouca segurança no ofício (CANNON 1999; ALMEIDA 2008; POMMÉ, 2006).

Também neste sentido Monteiro *et al* (1998), salientam que o aspecto social implica em duplo sentido o problema, tais como: o abandono escolar e a limitação da formação profissional. Segundo eles, a gravidez na adolescência é o maior fator de risco para o abandono escolar. Tal abandono por sua vez limita a capacitação profissional do adolescente, uma vez que o grau de escolaridade atingido não é suficiente para a sua entrada no mercado de trabalho tornando-se assim presa fácil para o trabalho informal, clandestino e de exploração por parte do empregador.

Desta forma, quando uma adolescente concebe um bebê uma das primeiras coisas que faz é interromper bruscamente sua frequência na escola, e, como consequência a formação fica comprometida ao tentar se esconder da sociedade e cuidar do bebê como descreve:

Se a adolescente já não estudava dificilmente a curto prazo pensará em frequentar a escola. Terá dificuldades em transformar-se em profissional, integrar-se ou colocar-se no mercado de trabalho e isto a levará a aceitar qualquer trabalho que seja e por qualquer salário. Cada olhar, cada palavra, cada gesto da sociedade, a adolescente interioriza profundamente junto com aquilo que já sentia: a adolescência não é o melhor momento para ser mãe. A primeira gravidez, portanto, não imuniza, pelo contrário, fragiliza, fragilidade que pode prejudicar medidas futuras de proteção diante do relacionamento com o companheiro ou com futuras relações (Duarte, 1998, p.12).

Segundo estudo realizado por Dadoorian (2003), uma família do conjunto das classes populares do Brasil tende a educar os filhos visando um emprego no futuro, com objetivo de ajudar no orçamento familiar. O casamento é algo que pode ocorrer precocemente sendo seguida muitas vezes por vários filhos. Uma família da classe média por sua vez já prioriza a atividade intelectual dos seus filhos. O casamento é geralmente adiado para após a formação dos jovens. Como podemos observar;

A reação das famílias das adolescentes diante da gravidez de suas filhas varia de acordo com a classe social. As famílias das jovens de classes populares apresenta uma melhor aceitação dessa situação, especialmente a mãe e a avó, contrariamente as famílias das adolescentes de classe média, que não desejam a gravidez das filhas adolescentes (DADOORIAN, 2003, p. 86).

Observa-se que geralmente quando uma adolescente engravida de forma indesejada sendo surpreendida pela notícia a mãe de igual modo também concebeu um filho na fase da adolescência e muitas vezes recém-saída da infância seguindo os mesmos passos da figura da mãe e tornando tal fato como um fenômeno de hereditariedade. Uma cultura das camadas populares, nesses casos se explica uma compreensão assim como uma melhor aceitação por parte dessa classe ao contrário da classe média/alta (DUARTE 1998; DADOORIAN 2003; POMMÉ 2006; DINIZ 2010).

Diniz (2010, p.29), reforça que “quanto menor o nível de escolaridade, mais cedo as jovens iniciam a vida sexual e naturalmente maior terá sido o risco de uma gravidez na adolescência”. Segundo a autora a educação sexual dos adolescentes é a forma mais correta para se reduzir o número de gravidez que ainda ocorre em grande escala nessa faixa etária da vida.

A orientação sexual precisa ser reflexiva, para que os alunos questionem sobre estas desigualdades, estabeleça juízos de valores, aprender a não ser passivo, não aceitar tudo o que é imposto como modismo. Também precisa ser crítica, para ajudar o aluno a construir sua própria escala de valores, a partir de uma consciência crítica que o capacite a ver, questionar, julgar e agir. Outra característica, que não pode ser isolada, é que tal orientação precisa também ser informativa. E ainda possibilitar que os alunos encontrem um espaço para debater e entender seus medos, ansiedades e angustias. (REIS & RIBEIRO, 2005).

Segundo Reis e Ribeiro (2005), a orientação sexual envolve tanto conhecimento quanto condições intelectuais assim como capacidade de escutar. No entanto, a condição mais importante é sentir-se à vontade para falar de sexo com autonomia com seus alunos, aceitar que a sexualidade é natural e necessária na vida de todos nós e que tabus e preconceitos não podem fazer parte da orientação dada aos alunos, levando em consideração de que quem lida com educação e orientação sexual, lida também com valores familiares e com modos de conduta em relação à sexualidade.

Os PCNs destacam a importância de o professor passar por formações específicas para tratar de sexualidade com os alunos na escola, a fim de possibilitar a construção de uma postura profissional consciente no trato deste tema. A importância dos PCNs é profícua na permissão oficial de abordar a orientação sexual em sala de aula, pois, de acordo com a

documentação do Ministério da Educação ainda que não passe de propostas e sugestões a escola e o professor podem se sentir resguardados ou fortalecidos para trabalhar uma temática antes regida pelo espectro do medo e da proibição (BRASIL, 2000).

Moreno e Gonçalves (2017), em seus estudos realizados argumentam que as garotas que já são mães, mas ainda não terminaram o ciclo básico de ensino, abandonaram os estudos e conseqüentemente estão desempregadas. É um desafio enorme para o poder público o qual tinha até 2016 para garantir a matrícula de todos os adolescentes de 15 a 17 anos na escola.

Ainda segundo as autoras, o prazo faz parte de uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE). A meta 3 diz em sua redação que o Brasil precisa “universalizar até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrícula no ensino médio para 85%”. Isso quer dizer que, além de ter todos os adolescentes matriculados, 85% deles precisam estar no ensino médio, e não em anos do ensino fundamental com o aprendizado defasado.

A realidade atual mostra que 1,3 milhões de pessoas entre 15 e 17 anos não estudam e nem trabalham. Dessas, cerca de 300 mil não terminaram o ensino médio. Ainda contribuem dizendo que a maior parte dessa população é do sexo feminino que abandonaram a escola em consequência de uma gravidez e isso significa dizer que a meta estabelecida pelo MEC não conseguiu atingir o objetivo, atendendo a essa demanda como prometido, pois, os índices são altos como se vê através das estatísticas de jovens mães entregues ao descaso e a pobreza. (MORENO & GONÇALVES (2017).

2.1 O PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

O presente estudo refere-se a uma pesquisa de campo de caráter descritivo o qual se fundamenta no paradigma qualitativo. A presente pesquisa foi direcionada por um método que buscou atingir os objetivos em torno do processo quando afirmamos ao mencionar que:

Método é uma forma de ordenar e organizar etapas de uma ação para atingir um objetivo... toda ação humana tem um método, um modo de fazer, ainda que inconsciente, inconsistente e pouco produtivo. Uns são mais elaborados, mais sofisticados, mais complexos, outros, menos. Uns são ensinados, outros são aprendidos autonomamente, inventados pelo sujeito (XAVIER, 2014, p. 36-37).

Com base na citação acima, o texto está fundamentado em autores clássicos como também outros mais atuais que nortearam o processo da pesquisa de campo respaldando os meandros para alcançar os objetivos propostos.

Esta pesquisa teve como foco central compreender as causas que estão levando um alto índice de adolescentes a engravidarem precocemente. A constituição do mesmo se deu por meio de uma pesquisa de campo onde foram entrevistados o coordenador pedagógico e duas alunas do ensino fundamental de uma escola pública localizada no espaço rural do município de São Miguel do Guamá e suas famílias, em especial a mãe por estar sempre mais próxima dos problemas que acontecem com as filhas. Para isso, as amostras a partir da convivência da comunidade rural de São Miguel, da escola pesquisada revelam um número significativo para avaliar e refletir em torno do problema.

Por meio de orientações, o estudo utilizou-se da técnica de “pesquisa qualitativa” que segundo Minayo (1992, p.43), “não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade”. Tal método não se restringe a quantidade, e sim a uma qualidade nas informações dos sujeitos. Há, portanto, uma pergunta importante neste item que é: “quais indivíduos sociais tem uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?” Desta forma, a amostragem é aquela que possibilita ao pesquisador a abrangência da totalidade do problema a ser trabalhado em suas múltiplas dimensões. Nestas condições a autora chama a atenção na hora de selecionar os sujeitos a serem investigados.

Por outro lado, a pesquisa qualitativa tem caráter empírico como destaca Guerra (2014),

Os instrumentos de trabalho de campo na pesquisa qualitativa permitem uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica. Esse manual irá oferecer algumas considerações sobre os mais comumente usados, ou seja: entrevistas, observações e grupos focais. A pesquisa empírica envolve a coleta de

dados a partir de fontes diretas (sujeitos) que vivenciaram ou tem conhecimento de um assunto, fato ou situação (GUERRA, 2014, p.16).

Com base nas informações, baseados nas fontes teóricas de Guerra e Minayo, os sujeitos dessa pesquisa foram duas adolescentes estudantes do ensino fundamental. Assim como os pais e a gestão escolar do lócus onde as mesmas estudam ou estudaram levando em consideração os conhecimentos empíricos vivenciados pelos sujeitos da pesquisa.

Para isso a pesquisa qualitativa de campo buscou trabalhar em sua maioria com pessoas que já somam uma vivência de vida a respeito do problema. Sendo assim, os sujeitos foram compreendidos como atores sociais que devem ser respeitados em suas opiniões, crenças e valores. Uma vez que todo trabalho de coleta de dados de informações deve observar que “... a fala dos sujeitos de pesquisa é reveladora de condições estruturais de sistema de valores, normas, símbolos ... e por isso mesmo é tão rica e reveladora” (MINAYO, 2008, p.18).

Segundo os preceitos da pesquisa qualitativa e de acordo com (Minayo, 2008), das três modalidades destacadas em entrevista, observação e grupos focais. Para tanto, foi utilizada a entrevista semiestruturada como norteadora da pesquisa por ser a técnica mais adequada em se tratando do objeto de estudo.

A entrevista é,

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam (SEVERINO, 2007, p. 124).

A vantagem da entrevista para coleta de dados em qualquer que seja o trabalho de pesquisa é que exige a presença do pesquisador a fim de obter dos sujeitos as informações importantes para responder aos problemas. Outro grande benefício é a de envolver uma relação pessoal entre pesquisador/sujeitos o que facilita um maior esclarecimento dos pontos nebulosos (MOROZ & GIANFALDONI, 2006, p.79).

Outro fator relevante segundo Guerra (2014, p.18), é que “a entrevista é uma oportunidade de conversa face a face, utilizada para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes, ou seja, ela fornece dados básicos para uma compreensão detalhada das crenças, atitudes e valores” em relação aos atores sociais específicos. No caso do estudo em questão, tratemos com os sujeitos de investigação de forma direta e pessoal, em se tratando de adolescente que em sua maioria são vítimas de gravidez indesejada. Assim, dar voz aos

familiares, profissionais da escola como a gestão escolar é um importante passo para direcionar o processo da pesquisa adotando procedimentos étnicos com a utilização de nomes fictícios dos sujeitos da pesquisa. Outro procedimento adotado é a não identificação do nome da escola.

Quanto a entrevista semiestruturada refere-se a um conjunto de perguntas abertas onde o entrevistado respondeu de forma livre e espontânea. Segundo Guerra (2014), Minayo (2008) e Severino (2007), salientam o modelo de entrevista como o roteiro onde pode haver nuances de perguntas fechadas, podendo ser de identificação ou classificação. Mas, possui especialmente perguntas abertas ao fornecer possibilidade de falar mais livremente sobre o tema proposto - gravidez indesejada.

Logo, como pesquisa de campo ratifica que os sujeitos agiram espontaneamente cedendo informações, relato de experiência vivenciada que direcionaram compreensão a cerca do problema. Para tanto, na pesquisa de campo prima por sujeitos que possam relatar a partir do vivenciado no meio onde vive. E neste processo a coleta de dados é feita mais por meio de entrevista que em nenhum momento poderão se sentir coagidos ou obrigados a darem uma informação contra a sua vontade, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos que são mais descritivos, até estudos mais analíticos (SEVERINO, 2007).

De posse dos dados metodológicos do qual foram revelados dados das causas que vem nos últimos anos afetando não só as famílias como a instituição escolar com vários casos de gravidez precoce. Como podemos analisar quando,

A visão globalizada da questão sexo e escola mostra que tal relação não acontece positivamente, uma vez que as pessoas da escola sentem-se “desobrigadas” de assumirem posições frente a sexualidade humana em seu trabalho. Diante disso perguntamos: os conteúdos ligados ao sexo e ao prazer assim omitido e reprimidos no trabalho escolar revelam uma instituição sem compromisso com o social e apenas voltado para a formalização de conhecimentos? Se a escola é o lugar onde se prepara para o mundo adulto, porque o aluno deve penetrar em tal mundo encarando o sexo como uma aprendizagem oculta como um segredo? (GUIMARÃES, 1995, p. 19-29).

Partindo destas afirmativas apresenta-se como desafio buscar saber se a escola dispõe de algum projeto voltado a educação sexual e se há algo sobre o tema no PPP da mesma. Para chegar a esse objetivo foi fundamental a participação da gestão escolar consolidando os objetivos e desafios enfrentados.

Uma vez realizada as entrevistas foram realizadas as transcrições, ou seja, documentar em detalhes tudo o que foi colhido dos sujeitos por meio de seus relatos e por isso

também esta pesquisa teve caráter descritivo. Após esse procedimento foi realizado a análise dos dados e interpretação das informações coletadas por meio dos colaboradores que se dispuseram a ceder suas entrevistas, fazendo uma ponte entre o que os sujeitos da pesquisa falaram com o que os autores pesquisados dizem.

Essa pesquisa também teve caráter bibliográfico, pois está fundamentada em diversas obras de autores clássicos em outras pesquisas já realizadas por meio de artigos, projetos e dissertações. Xavier (2014), destaca que todas as pesquisas que se jugam importantes tem a ambição de encontrar caminhos, métodos e estratégias para explicar o funcionamento dos fenômenos naturais e comportamentais do homem.

Assim, nenhuma pesquisa de cunho científico terá valor se não estiver fundamentado em um referencial teórico que dê direcionamento ao campo de trabalho, determinando os meios e fins para se alcançar o que se almeja.

Elaborado então todos os parâmetros necessários a uma concretização de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo e descritivo como afirma Xavier:

Em uma ação investigativa, elaborar um método e segui-lo é fundamental para obter sucesso na empreitada acadêmica. A adoção de um método consciente representa a lucidez do pesquisador em realizar movimentos estratégicos, organizados e planejados com antecedência para executar um fazer com produtividade e transparência máxima (XAVIER, 2014, p. 37).

Tomando como referência antes de se lançar ao campo de pesquisa, elaborar um bom planejamento que terá como função guiar pelas veredas, até que seja alcançado o que se pretende e que o mesmo seja aberto a mudanças caso seja necessário. Assim como os três roteiros destinados as entrevistas com os sujeitos da pesquisa (alunas, pais e gestão escolar) de igual modo sejam passivos de alterações no desfecho das atividades realizadas, buscando sempre tomar as informações com naturalidade, clareza e qualidade a fim de chegar aos objetivos com transparência.

2.2 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NAS VOZES DOS SUJEITOS

Este capítulo de análise dos dados está dividido em três categorias, sendo que a primeira tratará da orientação sexual tanto na família quanto na escola; a segunda abordará as causas que levaram a gravidez precoce e a terceira discutirá as consequências contextualizando com os teóricos das quais nos apoiamos principalmente em Guimarães

(1995), Camargo e Ribeiro (2000), Duarte (1998), Diniz (2010), Dadoorian (2003), Santos Junior (1999), Fonseca (2010), Gomes e Teixeira (2010), Martins (2005) e outros.

2.2.1 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA FAMÍLIA

Segundo Fonseca (2010), Gomes e Teixeira (2010), ainda há em pleno século XXI, uma dificuldade muito acentuada para tratar de questões pessoais íntimas entre pais e filhos, ou seja, os jovens não procuram os pais para buscar esclarecimentos, tirar dúvidas sobre assuntos relacionados a sexualidade, e isto pode estar ligado ao medo de sofrer represálias.

Os autores Dinys (2010), Junior (1999), Duarte (1998), Fonseca (2010), Gomes e Teixeira (2010), Vitiello (1999), salientam que uma grande massa das famílias não conversa com os adolescentes sobre sexualidade com medo de induzi-los a iniciar sua prática sexual precocemente. Além do mais, muitos adultos de hoje não vivenciam o diálogo com suas famílias, o que pode influenciar negativamente em suas ações e nas dificuldades de relações com seus filhos levando os mesmos a buscarem tais informações em lugares inadequados e com pessoas desqualificadas, o que é sempre um perigo grave.

Segundo Guimarães (1995, p.29), a família é o ambiente onde a natureza se objetiva e se torna o núcleo de desenvolvimento da cultura, levando em frente a hereditariedade, “pois é nela que homens e mulheres nascem, vivem, se reproduzem e morrem, ocorrendo aí o processo de continuidade das gerações”. É na família que brotam as bases das atitudes sexuais, que são culturais mais do que inatas.

Quando as jovens foram questionadas sobre a orientação familiar em relação ao namoro, sexualidade, e de como ocorria essa orientação. Elas responderam:

Não, porque na época que engravidei o que acontecia, meu pai e minha mãe eram muitos rígidos, pra não tá dando a devida orientação (...) e na época (...) eu não tinha orientação de nada, vamos impor que, quando eu engravidei, eu não sabia nem a data que eu iria ter a minha filha, eu passei pra uma irmã, e nós fomos fazer as contas, pra ela conferir data por data, que eu soube a data que eu ia ter a minha filha. Então, porque falta de orientação porque na época a minha mãe não tinha é, a estrutura, não tinha estudo, a minha mãe não sabia ler, e não conversava comigo sobre isso, achava que era como diz o outro assim, não podia estar falando essas coisas com filho, então o que aconteceu foi isso aí, acabei engravidando. O meu pai, muito pior, esse mesmo não falava nada, não conversava com as filhas, só a mamãe, e ela não tocava nesses assuntos. Ai já depois que eu engravidei e tudo que ela já passou a me orientar mais, mas não tinha mais jeito, já foi tarde demais.
(Nana, 20 anos de idade, entrevista em 20/03/2018.)

“ É até que eles me orientavam, principalmente a minha mãe, de vez enquanto ela falava pra mim.”
(Nina, 17 anos, entrevista em 12/03 2018).

Segundo os relatos desta primeira entrevistada, quando declara a rigidez por parte de seus pais, é fato comum ainda no meio rural estes ainda seguirem uma educação tradicional, com base no mesmo modelo de como foram educados em seu tempo.

Como se trata de um modelo educacional pautado no tradicionalismo, logo tais assuntos são proibidos de serem tratados, e um dele é a sexualidade, como ficou claro na fala de Nana, quando ficou grávida pela primeira vez, nem se quer sabia a data em que havia concebido.

Esta informante então deixa evidente que a principal causa de sua gravidez prematura, foi a falta de diálogo e orientação por parte dos pais, quando se refere a falta de estrutura, está relacionando a falta de preparo, por ser analfabeta, nunca haver frequentado nenhuma escola, como também por passar a maior parte do tempo longe dos filhos em razão da necessidade de trabalhar, e, por assim proceder, ainda acredita ser a questão do sexo assunto proibido, que não deve ser tratado abertamente entre pais e filhos, defendendo a tese de ser falta de respeito.

Quanto ao seu pai, deixa transparecer que se segue a cultura machista, de que o homem tudo pode, e cabe a mulher obedecê-la, como já havia falado Duarte (1998), Pommé (2003), de que geralmente, em pleno século, ainda persiste essa cultura, de ser o homem superior, cabendo a mulher a submissão.

Nina por sua vez, declara que recebia orientações, principalmente na pessoa de sua mãe, que sempre se disponibilizava a falar no assunto, e mesmo assim acabou engravidando de forma tão precoce. As causas serão analisadas na próxima categoria.

Os pais quando questionados sobre a orientação sexual de suas filhas, se ocorriam, como, e com que periodicidade, eles responderam:

(...) eu chamava muita atenção dela sobre isso, (...) o que eu queria mesmo que ela estudasse, não queria que ela engravidasse ainda tão nova, mas aconteceu. As minhas conversa com ela eram praticamente todos os dias, e eu nunca senti dificuldade com ela pra tratar no assunto, normal, eu nunca escondi nada dela, até dos meninos eu não escondo nada, falo tudo, nunca escondi nada, nunca escondi tudo sobre mulher eu sempre falei.

(Natacha, 38 anos, entrevista em 12/03/2018).

Embora o discurso acima revele que houve uma orientação por parte da mãe de uma das adolescentes grávidas, essa orientação ainda não foi suficiente para evitar a gravidez na adolescência, o que pode estar relacionada a fatores externos ao ambiente familiar.

Por outro lado, como já diziam os autores Martins (2005) e Duarte (1998), um dos fatores que sufocam os conselhos familiares são os motivos dos jovens de hoje se acharem

muito mais independentes, que a educação de seus pais está muito ultrapassada, que os tempos deles eram outros bem mais atrasados que o atual porque dizem que na época delas nem telefone existia muito menos internet.

Situações como essas, fazem com que os adolescentes de hoje desde muito cedo, despreze as orientações dos pais, se apegando extraordinariamente aos grupos de colegas, seja em junções pessoais ou em redes sociais, onde em muitos casos está o perigo, quando este acredita está se divertindo, fazendo o que para ele parece ser certo, porém pode ser um caminho sem volta.

A isso se explica o fato de que mesmo algumas famílias terem um diálogo com seus filhos, orientarem segundos seus costumes e preceitos, mas existem os fatores externos a família que podem influencia-los as práticas antes desconhecidas ou tidas como proibidas, como no caso de Natacha.

(...) pra ser sincera como evitar, se prevenir, não, mas, sempre conversar eu conversava (...), nós fizemos encontro de casais (...) pegando orientação como era pra fazer né, pra evitar, mas sempre conversar a gente conversava. Até porque antes eu não fazia a orientação como devia por não saber nem como começar porque eu também não tinha orientação de nada. E sempre agente conversava assim a boca da noite, assim na hora da mesa sempre a gente conversava, porque todas elas eu sempre aconselhei.

(Edilaura, 44 anos de idade, entrevista em 06/03/2018).

O discurso acima revela que mesmo em meio a adversidade dos trabalhadores rurais que levam uma vida muito simples, porém possuem qualidades muito importantes que são a dignidade, humildade e a sinceridade. Ficando claro no comentário da senhora quando admite que não dialogava com a filha porque não sabia abordar tal problema. Assim a adolescente foi criada sem nenhum diálogo familiar e sem orientação alguma em relação a sexualidade.

Na conversa há lealdade nas palavras e o seu esforço para dar o melhor para a filha mais nova para não cometer o mesmo erro que a primeira, por falta de esclarecimento. Mesmo sendo uma senhora não alfabetizada se preocupa com o futuro das mesmas. Para isso, tive que recorrer a ajuda da igreja que nesses casos sempre é uma forte aliada da família.

(...) só não era mais certo porque eu também quando era jovem, não recebi nenhuma orientação de meus pais e só depois que comecei a frequentar os encontros de casais nas igrejas, já depois de casada é que fui aprender melhor, mas apenas serviu para minhas filhas mais nova, a primeira, já foi muito tarde empenhou duas vezes seguida logo muito nova, quase criança, porque ela, só era grande no tamanho, mas na idade não, e sempre essa foi cabeça dura mesmo.

(Edilaura, 44 anos de idade, entrevista em 06/03/2018).

Segundo o relato percebe-se que na maioria dos casos a orientação sexual quando não é ausente ela acontece de forma deficiente. Segundo os mesmos autores, a maioria realmente não tem esse diálogo em casa e a vergonha é apontada como um dos motivos tanto por parte dos pais e mães como dos adolescentes também. Assim a conversa franca no ambiente familiar é muito restrita, aspecto identificado nas entrevistas com os referidos sujeitos de pesquisa, consolidando positivamente com os teóricos que já haviam sido pesquisados.

Por outro lado, a mídia vem influenciando drasticamente na vida sexual dos jovens, e como nesse meio existem milhares de fontes de pesquisa, os jovens ficam vulneráveis a caírem em fontes inadequadas que podem trazer sérios danos a integridade desses adolescentes. Nesses casos, se os adultos, pais e responsáveis não tiveram uma habilidade para tratar dos fatos, se não tiverem uma conversa franca, se impondo por ser o líder que deve ser respeitado por sua moral, passam a ser tratados como ultrapassados, e quando não há influências sadias por parte da família, ele vai ser influenciado na rua de forma predatória. (DADOORIAN 2003; MARTINS 2005).

Outro fator que está atrelado a sexualidade prematura, ocorre quando muitos pais que foram criados de forma tradicional querem aplicar esse mesmo modelo educacional aos seus filhos na dita educação moderna de hoje, como ficou evidente nesta declaração:

(...) na verdade eu não, mas a minha finada mulher, que Deus a coloque em bom lugar, eu acho que ela falava pras filhas, até porque eu acho que essas conversas tem que ser feitas pela mãe as filhas, nós pai é pra falar sobre isso mais com os nossos filhos homens, as moças é dever das mães, porque você sabe os negócios, as conversas das mulheres são diferentes das dos homens, você não acha? A minha mulher já morreu a uns dois anos atrás, mas até hoje eu sinto muito sua falta, ainda tenho uma filha que mora comigo, e na verdade, eu sinto sim, muitas dificuldades pra falar com ela sobre o assunto, não me sinto à vontade sabe? (...).
(Manoel, 62 anos, aposentado, entrevista em 04/03/2018).

Nesta fala, ficou evidenciado de que no meio rural (campo) ainda prevalece a cultura de que tudo tem que ser separado. Homens fazendo só aquilo que é próprio de homem e mulher simplesmente o dever de mulher, em pleno século XXI. E isto, se estende a educação sexual dos filhos sendo que as mães cabem a tarefa e missão de orientar as filhas e os pais os filhos e isto ainda é muito forte no meio rural. No entanto, tal orientação é quase ausente ou quando ocorre é de forma muito precária conforme relatos do senhor Manoel.

De acordo com a fala acima pode se entender as dificuldades enfrentadas por esse sujeito em falar do assunto com os filhos ao tratar de um problema cultural que vem sendo reproduzido durante gerações. A cultura machista de igual modo é muito forte nas

comunidades rurais, e estas seguem a hereditariedade, pois a educação familiar tem grande influência na vida do ser em desenvolvimento.

Guimarães (1995), já havia falado que a educação informal, ou seja, aquela aplicada em casa, segundo os preceitos culturais de cada família é que implicará negativa ou positivamente na vida futura do jovem. Ressalta que a ação da escola será de “educadora secundária, sempre”. O papel da família é fundamental e por tanto, primário na construção do homem e da mulher que cada um traz dentro de si, como afirma:

É a bagagem da educação informal, adquirida na família e na comunidade, o ponto de partida para se pensar em Educação Sexual na escola. Os programas educacionais sobre o sexo nunca vão poder ignorar, repudiar, ou mesmo antagonizar as influências primeiras na construção da sexualidade. As informações e posturas que os alunos trazem de suas famílias e de sua comunidade são as demarcações para o início do trabalho em Educação Sexual (GUIMARÃES, 1995, p. 99-100).

Levando em consideração as afirmações de Guimarães, com a fala de Seu Manoel, percebemos que sua cultura machista, autoritária e rígida, como também de outra mãe, a senhora Edilaura foi perceptível que na família ainda há esse tabu, de ter como assunto proibido as questões do sexo, os adolescentes membros desta família ficarão muito mais vulneráveis a aprender de forma distorcida lá fora. Contextualizando também com as afirmações de Vasconcelos (1985), sobre a curiosidade de se experimentar algo novo, o que é proibido, e isto é sempre muito forte entre essa clientela, que desejam descobrir sua sexualidade, e o prazer que ela traz de qualquer forma.

Em suma, nesta categoria tratando exclusivamente da orientação sexual na família, segundo os autores citados e contextualizados, com os relatos colhidos, pode-se perceber que no meio rural, ela ainda é praticamente ausente, e quando ocorre é de forma deficitária e insuficiente para capacitar jovens maduros, autônomos, capazes de ser líder de si mesmo, de gerir seus sentimentos e curiosidades para algo que ele desconhece. Foi notório também que a escola de igual modo não trabalha de forma adequada tais questões como será evidenciado no decorrer do texto a partir de agora.

2.2.2 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Esta categoria aborda a orientação sexual dada nas instituições escolares, segundo os autores pesquisados e a coleta de dados nas entrevistas e para fundamentar será apoiado em

teóricos como: Egypto (2003), Guimarães (1995), Dadoorian (2010), Diniz (2010), Santos Junior (1999), Camargo e Ribeiro (2000), Duarte (1998), Almeida (2008) dentre outros.

Segundo Egypto (2003, p.16) a escola é tão responsável na formação da sexualidade do ser humano quanto a família, por isso ela não pode fugir da responsabilidade. “A escola é um lugar onde se está discutindo conhecimento, onde se está produzindo diálogo e reflexão”. Como descreve:

É, portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes. Na medida em que a escola se nega ou não consegue se capacitar para poder dar conta dessa responsabilidade, ela reforça a ideia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano. Ela transmite a informação de que a sexualidade é mesmo para se aprender na rua, como alguma coisa suja e informal, aprendida de qualquer jeito (Egypto, 2003, p.16).

Egypto (2003), argumenta que a escola é tão responsável na orientação sexual do ser humano quanto a família, pelo simples fato de a família educá-la de maneira informal e leiga, e mesmo muitas ausentam tal fenômeno, nestes termos o ambiente escolar deveria ser o lugar propício a isso, porém, nem sempre isso acontece.

Em entrevistas realizadas sobre a educação assim como a orientação sexual com relação ao ambiente escolar, os sujeitos revelaram:

(...) quando eu estudava antes de eu engravidar, eu lembro que a professora conversava bem pouca coisa sobre isso porque foi lá pela 4ª série isso aí e quando eu comecei a fazer 5ª e 6ª entrava uma coisa mais avançada foi quando eu engravidei e parei. E digo que na época a escola não contribuiu para minha orientação sexual, porque ainda era a 4ª série e era bem difícil falar no assunto, a professora entrar nesse assunto (...).
(Nana, entrevista em 20/03/2018).

(...) quando eu estudava, no polo, (...) na minha quinta série, (...) eu lembro muito pouco da escola ter trabalhado o tema de orientação sexual, se eu não me engano, parece que só uma vez que tivemos uma palestra com uma equipe de saúde que veio de São Miguel, mas na sala de aula eu não lembro não (...).
(Nina, entrevista em 12/03/2018).

Nas falas das duas jovens entrevistadas, culminou com as afirmações dos demais autores citados, de que nos dias contemporâneos, na dita era da informação, ainda é omitido pelas escolas um assunto de tamanha relevância, como é o caso da sexualidade, quando ambas afirmam que quase não ouviram falar nos anos em que frequentaram as séries iniciais.

É um fato preocupante ouvir o relato de uma jovem em pleno exercício de seus estudos, declarar que a escola não contribuiu em nada para sua orientação sexual, vindo a

mesma conceber uma criança ainda tão cedo e despreparada, quanto que a outra fala que nos anos de seu ensino fundamental lembra simplesmente de uma palestra realizada por uma equipe de saúde.

Com relação às dúvidas que muitos professores podem sentir ao tratar do assunto, Guimarães afirma que é comum também o medo de represálias. Muitos podem interpretar mau, vindo a fazer uma denúncia contra as aulas sobre o sexo, alegando falta de respeito e tidas como pornografias (GUIMARÃES, 1995).

De acordo com Pinto (1999), essa questão é grave porque a maioria das famílias não acompanham as mudanças sociais na orientação aos seus filhos, e nem mesmo as escolas estão acompanhando esse processo e se atualizando na orientação de jovens e adolescentes na área da sexualidade como afirma:

A escola, assim como a família, tem como obrigação pavimentar o máximo possível o caminho do jovem em direção a autonomia. Mas a escola e a família não podem perder de vista que o jovem ainda não tem condições de exercer plenamente essa autonomia – nele ela ainda é potencial a ser desenvolvido. Isso implica proteção ao jovem, principalmente no que diz respeito ao estabelecimento de limites e de orientação que lhe sirvam de balizas na escolha de seus próprios caminhos (PINTO, 1999, p. 46).

Esse modelo de orientação pode ir de encontro com as realidades vividas por esses jovens frente às profundas mudanças ocorridas nos últimos anos, podendo trazer sérios conflitos, quando os mesmos influenciados pela mídia, amigos, internet e etc., isso faz com que quando estes não aceitam as ordens severas de seus pais, privando-os de muitas liberdades, principalmente do namoro livre, os mesmos se evadem de casa com o primeiro parceiro que encontrar, sem primeiro haver conhecido melhor antes, e contraírem um matrimônio prematuro e sem planos (PINTO, 1999).

Os pais diante da indagação sobre o seu ponto de vista sobre se são a favor ou contra a escola tratar abertamente do assunto, responderam:

(...) antes eu era muito contra a escola, os professores falarem sobre isso na sala, mais agora, depois que fiz alguns cursos nas igrejas, encontros de casais quando minha esposa ainda estava viva, eu aprendi muitas coisas, e mudei muito minha maneira de agir, e agora digo que os professores pela formação, pela capacidade que vocês têm, são as pessoas mais certas pra aconselhar esses jovens a fazerem a coisa certa, a não fazerem besteiras. Antes, se a gente ouvisse, ou as crianças contassem que a professora estava falando sobre sexo na escola, (...) logo os pais iam lá tomar satisfação porque estavam falando de coisa proibida, e ensinando o que não devia aos alunos, podia até perder o emprego, (...) e mesmo assim, eu vejo que as meninas emprenhavam muito cedo também, então eu acho que não era vantagem esconder tanto, porque mesmo assim ele ia aprender lá fora.
(Manoel, entrevista em 04/03/2018)

Quanto a escola, olha eu sou sim, completamente a favor dela tratar abertamente o assunto, não é como antigamente que Deus o livre, era proibido, minha mãe falava, acho que era por isso que minha mãe não falava sobre isso com nós, o que a gente aprendia era com as colegas.
(Natacha, entrevista em 12/03/2018).

Com base nas informações acima, podemos perceber na fala de seu Manoel que mesmo tendo sido muito rígido no passado, mas agora ele tem outro pensamento depois de perceber que tanto a dureza quanto o machismo não deu em nada, apenas prejudicaram seu relacionamento com sua família quando as filhas engravidaram precocemente.

Assim, a cultura machista atropela a harmonia familiar quando uns se acham superiores aos outros, ou quando estes acreditam que certos papéis na família não lhe dizem respeito, deixando alguns cargos delicados e complexos só nas mãos de uma pessoa, como ficou claro nos relatos de Seu Manoel. O importante é que ele agora pensa de modo diferente, pois descobriu que tudo depende de uma boa parceria, e se arrepende por fazer essa descoberta tarde demais.

Um dos pontos importantes relatados nestas falas foi que ambos confiam nos professores como pessoas capacitadas para tratar do assunto com clareza, segurança e reponsabilidade, por serem formados para exercer com autonomia o cargo de educador. Porém, infelizmente não foi o que detectamos ao pesquisar a escola fonte por meio de entrevista com a gestão escolar, quando não omitiu que mesmo existindo uma clausula destinada ao tema no PPP, ainda não saiu do papel.

Ficou demonstrado em seus relatos de que essa questão de assunto proibido ficou no passado, quando os professores tinham receio de serem mal interpretados posteriormente denunciados e possivelmente exonerados do cargo. Segundo os informantes, principalmente Seu Manoel, que se declarou contra no passado, mas que agora é a favor e defende a questão, não deveria, mas haver certos receios ou até mesmo medo por parte de alguns professores de tratar do assunto, só que ao contrário, o que pudemos observar é que continua sendo tema silenciado, com base nas informações coletadas e nas afirmações de Egypto (2003), a escola deveria ser o lugar mais apropriado para tratar do assunto de forma aberta e livre, já que nas famílias uns não falam mesmo e outros sentem dificuldades, como ficou claro na fala de Seu Manoel.

A representante da gestão da escola polo ao ser perguntada se a escola trabalha com projetos de orientação sexual, gravidez na adolescência respondeu:

(...) projeto não temos e também não me lembro de ter trabalhado com algum desde que faço parte da gestão da escola, e sim, palestras. Várias palestras já realizamos,

bem como com ACS que são os (Agentes Comunitários de Saúde), com técnicos em enfermagem, com enfermeiros, até mesmo doutores, pois de vez enquanto vem uma equipe de São Miguel fazer esse tipo de trabalho e a escola entra em parceria.

Quando questionada sobre o PPP atual da escola polo, se havia alguma pauta destinada a orientação sexual, como evitar a gravidez precoce, ela declara:

Com relação ao PPP da escola, é, bem, sim temos sim uma pauta destinada e também no Plano de Ação da Coordenação, porém ainda não foi realizada nenhuma atividade relevante para mostrar os meios de prevenção. Acho que você até apareceu na hora certa pra nos despertar com relação a isso, pois não podemos adiar mais nem ficar de braços cruzados vendo as coisas acontecerem sem fazer nada, olha que tá cada vez mais difícil controlar os ânimos dessa garotada viu?
(Valentina, representante da gestão, 52 anos, entrevista em 17/03 2018).

Ao relacionar o primeiro comentário da representante da gestão, com as afirmações de uma das jovens entrevistada, quando afirmou que durante seu percurso de séries iniciais, nunca ouviu falar nada sobre o assunto em sala, tal fato nos mostra o quanto as escolas ainda estão omissa em assuntos relacionados a sexualidade, e o quanto essa ausência vem se tornando prejudicial aos adolescentes.

Percebemos que estas palestras, segundo as declarações da representante da gestão, não foram organizadas pela equipe escolar, e sim por profissionais da saúde, a escola teve o papel de participar assistindo, mas, sem nenhum tipo intervenção. Isso revela o quanto a escola ainda está longe de trabalhar a temática de forma espontânea.

No segundo comentário a representante admitiu que a instituição escolar onde a mesma trabalha no setor administrativo, diante de vários casos ocorridos nos últimos anos ainda continua sem reação, sendo que ela até comentou o fato de esta entrevista servir como um alerta de que algo deve ser feito, e não ficar mais de braços cruzados, pois, os adolescentes estão cada vez “mais eufóricos”.

Por outro lado, na fala de Valentina, é perceptível que mesmo existindo uma pauta destinada a questões de sexualidade no PPP da instituição, o mesmo ainda não foi trabalhado, confirmando assim as afirmações das duas jovens entrevistadas. Então o que se pode perceber nessas amostras é que a orientação sexual de nossos jovens estudantes do ensino fundamental da escola do campo ainda é muito insuficiente, ou até mesmo ausente.

Foi notório também que o mesmo se dá de forma muito precária, sem dúvida porque os professores sentem receio por se tratar de assunto proibido como muitos ainda pensam. Segundo Camargo e Ribeiro (2000), afirmam que muitas vezes é omitido pelas famílias por

ainda prevalecer o tabu e, por isso mesmo, na maioria das vezes, tratado de maneira distorcida inadequada na escola e na família.

Outra questão que deve ser levada em consideração é que foi perceptível que mesmo existindo no PPP da escola fonte, itens referentes a orientação sexual, deveria ser acompanhado de uma capacitação a esses profissionais para poder trabalhar com propriedade a temática, uma vez que estes não se veem capacitados para tratar do assunto com clareza e segurança.

Nesse sentido, Dadoorian (2003), Camargo e Ribeiro (2000), defendem que o ideal seria começar a trabalhar o tema em debate pela educação infantil, seguindo um aprofundamento segundo o amadurecimento e o avanço nos anos seguintes, no entanto, o que se pode observar segundo os relatos das informantes é que assuntos relacionados a orientação sexual continua a ser omissos nas instituições escolares em especial do meio rural.

CAPÍTULO III - CAUSAS E IMPLICAÇÕES DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

3.1 O QUE PROVOCA A GRAVIDEZ PRECOCE?

Esta categoria aborda as causas que provocaram a gravidez precoce nas jovens as quais foram utilizadas como sujeitos desta pesquisa, funcionando também como uma breve amostra, até porque trata de um assunto muito amplo e um trabalho como este não tem como abarcar todo o processo de gravidez na adolescência do referido município, palco deste estudo.

Para analisar esta categoria, debruçaremos nos fundamentos de Duarte (1998), Santos Junior (1999), Pommé (2003), Diniz (2010) dentre outros.

As causas que levam uma jovem a engravidar de forma surpreendente são muitas, porém, das mais relevantes nesse processo é o sexo casual como descreve:

As primeiras relações sexuais não serão programadas, mas sim imprevisíveis, se não houver diálogos constantes, contínuos e carinhosos, cara a cara, desde a infância, entre família e adolescente. A sensação e a excitação ocorrem em momentos inesperados, em lugar não programado, e a adolescente acaba experimentando uma nova situação, tendo a primeira relação sem maiores precauções. (...) Como a atividade sexual não é autorizada sexualmente, seu psiquismo produz bloqueios e “esquecimentos” que lavam a não utilizá-los (Duarte, 1998, p.08-09).

Segundo a autora citada, as adolescentes podem mencionar desvantagens de cada método, por falta de maturidade emocional, pelo sentimento de culpa em relação a sua sexualidade e por outras séries de coisas que produzem medo nas jovens (faz mal à saúde, engorda, produz câncer, deixa estéril), tornando assim a utilização complicada, ameaçando a disposição para assumir qualquer um que seja, e quando isto acontece, elas tendem a ficar vulneráveis e condenadas a engravidar a qualquer momento.

Defendem a ideia de que os jovens estão começando suas vidas sexuais precocemente influenciados pela mídia como afirmam:

Vivencia-se atualmente a era do “show do sexo”, na qual a erotização invade as casas através de jornais, revistas, rádio, internet e, principalmente, da televisão. Muitas vezes influenciados pelos ídolos, as crianças estão cada vez mais erotizadas, e adolescentes acabam iniciando a vida sexual cada vez mais cedo, geralmente de forma desprotegida, o que resulta em muitas ocasiões, na gravidez de garotas recém-saídas da infância. (FONSECA, 2010, p. 05).

De igual modo também, Martins (2005, p. 52 - 53), analisa de que “a educação do adolescente ficou entregue a mídia e ao consumo”. Mostrando ao mesmo tempo o poder de influência que tem a televisão, e as contradições apresentada por ela ao mesmo tempo, porque “ora apresenta um locutor falando sério sobre a gravidez e o aumento da gestação entre

adolescentes, ora leva portas adentro a novela onde se supervaloriza a sexualidade, com a posse, o ciúme, a traição, o adultério”, deixando para segundo ou até mesmo terceiro plano o afeto, o respeito, a consideração, e especialmente o amor verdadeiro.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Vasconcelos (1985), descreve a entrada na vida sexual de forma pré-matura, e conseqüentemente uma gravidez indesejada, simplesmente porque os jovens desejam responder a alguns questionamentos que emergem a partir de muitas curiosidades que surgem no seu dia a dia.

De acordo com Vasconcelos (1985), uma palavra muito pertinente nasce nesta fase da vida de uma pessoa que é a curiosidade. Tal fator acaba por levar os adolescentes por caminhos nunca percorridos onde o único objetivo dos mesmos é matar a tal curiosidade sem pensar em algo relevante como: o que acontecerá depois que começar a ter relações sexuais? Infelizmente tais perguntas como esta, ficam longe do pensamento nos momentos de puro calor da paixão e chegar logo ao ato como é o desejo de muitos:

Há meninas que na ânsia de “conhecer o sexo” pensa em “perder a virgindade” o mais depressa possível. Ficam conhecendo muito pouco porque “perder a virgindade” significa perder uma pequena pele que fica dentro da vagina (o hímen). E daí o que se ganhou com isso? Acho que, ao invés de querer “perder a virgindade”, deveria é querer ganhar alguma coisa... como por exemplo amor, prazer, respeito próprio, alegria. Mas muitas vezes só perdem isso tudo. Não porque fizeram uma coisa errada em si, mas porque a fizeram sem autonomia, como se fossem obrigadas, ou só porque fosse proibido (VASCONCELOS, 1985, p. 10-11).

Por outro lado, os meninos muitos curiosos para conhecer a sexualidade, recorrem ao mercado da prostituição, ou então intimam suas namoradas (convencem, seduzem) a “atos sexuais, e o que ganham com isso? Geralmente, um orgasmo apressado e, muitas vezes nojo.” Por serem inexperientes, não ganham aquilo que é mais humano em uma relação sexual que são: “a gratuidade, e a reciprocidade. É assim que se passa algo paradoxal: para se tornarem homens, sacrificam sua humanidade e a humanidade da outra” (VASCONCELOS 1985, p.11).

Para a autora citada, a curiosidade sexual está ligada a não saber como se faz para se ter filhos ou evitar os mesmos, mas ao prazer sexual que se busca a qualquer custo. O prazer é outra função da sexualidade. Acontece que justamente aí, a censura entra. Tudo aquilo que fala sobre prazer sexual costuma ter uma rubrica: “proibido para menores de 18 anos”. Isso para eles é um desafio a ser vencido de qualquer forma, como destaca:

O interesse pelo prazer se confunde com o interesse pelo proibido. A curiosidade passa a ser pelo que não é permitido. Essa confusão é muito ruim, porque se cresce

pensando que tudo o que é bom é proibido, ou que o proibido é o que é bom. O que nem sempre é verdade. Muita coisa proibida perde inteiramente a graça quando é conhecida (VASCONCELOS, 1985, p. 9).

Segundo a mesma autora, a história da sexualidade se fundamentou no domínio do homem sobre a mulher, ou seja, todas as iniciativas devem partir dele, cabendo a mulher apenas o fato de obediência e satisfazer-los da maneira que estes os quisessem. Tal fator acabou por se perpetuar na sociedade, que mesmo atualmente, a mulher já ter conquistado seus direitos de igualdade, ainda vivemos em uma sociedade machista, que levam muitos a entender que a mulher continua a ser objeto de prazer masculino.

Foucault (2005, p.54), relaciona a atividade sexual como uma disputa de “poder”, mas em outro sentido. Para ele a relação de poder está centrado em que assim como o homem tem poder sobre a mulher a mulher também tem poder sobre o corpo do homem. “Prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra o outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encandeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação”. Com base nessas afirmações, não deveria haver então censura por parte do homem sobre a sexualidade feminina conceituada como sexo frágil e que deve ser dominado.

Abordando a afirmação de Foucault, sobre a relação de “poder” com o estudo elaborado por Tiba (2014, p.68), onde um tem poder de excitação e prazer sobre o corpo do outro, descrevendo da seguinte maneira que “na evolução para a relação sexual o carinho passa do sensual e erótico para o sexual. O corpo pede que se cumpra o biológico, isto é, busque à saciedade sexual que é o orgasmo”. Então a relação entre os dois corpos deve ser mutua e recíproca, coisa que nem sempre acontece.

As jovens entrevistadas, quando questionadas sobre o porquê de terem engravidado tão precocemente, as mesmas responderam:

Na época em que engravidei pela primeira vez, eu não tinha conhecimento de nada sobre nenhum desses métodos pra não engravidar. Porque eu era uma pessoa que não tinha estrutura, não era ensinada, eu tinha apenas a 4ª série ainda, tinha entrado pra fazer a 5ª série, eu não tinha estudo, eu não sabia, eu era aquela pessoa assim basta dizer inocente, no dito das coisas da realidade de que vivo hoje, porque se fosse hoje, que hoje eu sou mãe, e eu como mãe falo pras minhas filhas, eu aconselho, recomendo, aviso como é o mundo de hoje, como é que tá, que tem que se prevenir, eu teria maiores chances de não ter engravidado tão cedo. Na época, pra mim eu não pensava em nada nas minhas primeiras relações, simplesmente pra mim nem engravidar eu não ia, quando vi já estava grávida. Pra você ver, que fiquei grávida logo na segunda vez em que transei com meu namorado. Na época eu estudava, estudava a tarde e ele sempre me perturbando pra gente ficar namorando, quando eu ia pra igreja ele me perturbando, eu morava perto da casa dele, eu morava com a minha irmã, e era ela sair de lá e ele chegar lá em casa. Aí foi que a gente foi se conhecendo assim. Aí o namoro foi indo, indo, avançando, aí foi que ele já mexeu comigo, e já na segunda relação que eu tive com ele eu engravidei. (...)

(Nana, entrevista em 20/03/2018).

Então, o que me levou a engravidar tão cedo, é, foi a falta de preservativo, a camisinha que nós não tinha no momento, porque sabe, nós mora no interior, longe da cidade, e os comércios que tem por aqui não vende isso, que eu acho que é uma coisa tão comum hoje em dia, poderiam vender, então, como nem sempre nem eu nem ele tinha, e agente quando se encontrava, não queria perder a chance, acabava por praticar sem isso, e isso acabou me levando a ficar grávida sem pensar, sabe? (Nina, entrevista em 12/03/2018).

Nas falas destas duas jovens, ambas afirmam que uma das principais causas que as conduziu a concepção foi a falta do preservativo ou qualquer outro método anticoncepcional. A primeira informante declara que na época em que começou a prática sexual, não tinha nem mesmo conhecimento da existência deles, quanto menos o seu uso, como se identificou “inocente” nesse período, não recebeu nenhum tipo de orientação, nem por parte da família quanto por parte da escola.

A mesma informante reforça a ideia de que seu parceiro de igual modo não estava nem um pouco preocupado com o seu futuro e bem-estar por se tratar de um homem mais maduro e de mais experiência como relatou. Ficou claro na fala de Nana, que até o presente segue a cultura de muitos homens se aproveitarem da inocência de muitas garotas, perseguindo e iludindo-as com falsas promessas até conseguirem o seu objetivo depois abandonarem e sumirem, deixando em situações delicadas.

As declarações foram perceptíveis pela ausência do uso de preservativos (camisinha). Uma por não saber nem mesmo da existência e outra por não ter disponível no momento do encontro, e o que chama mais atenção nesta fala, é que a jovem afirma não haver disponibilidade desse produto nos comércios locais, o qual ainda fortalece ao dizer que acha uma falha dos comerciantes por se tratar de um produto comercial tão comum como outro qualquer.

Com base nestas informações, Duarte (1998), em seu estudo, já falava que os encontros proibidos não são premeditados, acontecem muitas vezes por acaso, e como é uma cultura machista da sociedade que se perpetuou na história da humanidade, de não perder a oportunidade, porque ela pode não vir mais, provocar esses homens a persuadirem suas presas, iludindo que nada de mal vai acontecer, levados pelo velho e falso discurso de que na primeira vez, ou de vez enquanto não engravida convencerem estas jovens mal esclarecidas a prática do sexo e com isso contraindo uma gravidez.

Uma das informantes mostra-se preocupada com o futuro de suas filhas, a maioria concebida ainda na adolescência, de que hoje ela já faz diferente de como se era na sua casa quando adolescente. Procura orientar desde cedo, usando o diálogo por acreditar que se seus

pais o tivessem feito como ela faz, talvez não tivesse engravidado tão cedo. Por isso ela se diz segura do que está fazendo, por ser mãe com uma gama de experiências de vida acumulada, seguindo uma linha de cultura da camada do senso comum, ao dizer: “eu não quero que meus filhos passem pelo que eu passei”. Por isso a uma preocupação maior por parte dos pais analfabetos ou semianalfabetos se preocuparem com a educação e formação dos filhos para não virem a sofrer no futuro.

Aos pais, quando questionados sobre: para você, porque a sua filha engravidou tão cedo? Eles relataram:

(...) minhas filhas emprenharam por falta de diálogo comigo, pois eu era o pai e devia ajudar minha mulher, e por serem malcriadas também em não obedecerem sua mãe, e quiserem se vingar de mim por ser durão, carrasco na época e não gostar e aceitar seus namorados (...)
(Manoel, entrevista em 04/03/2018).

(...) o que levou minha filha a engravidar tão cedo olha eu não sei, falta de aviso não foi, pra mim foi essa escola, porque quando faltava professor eles falavam que eles ficam soltos fora da escola, e aí já se viu os filhos da gente perto da gente já aprontam quanto mas longe meu, aí já se viu. Porque quando ela estava por aqui, perto de mim eu ficava no pé dela todo tempo, e aqui a gente via que ela não namorava, eu não sabia que a Nina namorava, eu já soube quando ela já estava grávida, até eu levei um choque muito grande.
(Natacha, entrevista em 12/03/2018).

(...) o que levou minha primeira filha a engravidar tão cedo, eu acho que porque ela nunca me falava nada dos namorados que ela arranjava, por que se ela tivesse me falado, tivesse dito, talvez não tivesse acontecido, sabe, porque eu já tenho mais do que experiência de ser enganada por homens que prometiam uma coisa, depois que se viam servidos ó sumiam. Por falta de obediência dela também, porque ela sempre foi cabeça dura mesmo, muito difícil de lidar (...).
(Edilaura, entrevista em 06/03/2018).

Ao observar cada um destes relatos, foi perceptível que um dos motivos de maior relevância foi falta de obediência por parte das adolescentes. Duarte (1998), em seu estudo sobre a gravidez na adolescência já havia mencionado de que os jovens de hoje, por se considerarem frutos de uma geração da era da informação, tendem a menosprezar os aconselhamentos dos pais.

Em uma das falas, o sujeito afirma a falta de diálogo por parte dele, o qual deixava essa responsabilidade para sua esposa, por defender a ideia de que tal processo seria tarefa exclusiva da mãe. Por outro lado, admitiu ser anos atrás, extremamente ríspido com relação a aceitação do namoro das filhas, pois quando não eram de seu agrado ele as proibia, o que levava as jovens a se revoltarem, e desafiar a autoridade do pai permanecendo com o namoro proibido.

Em pleno século XXI, em algumas áreas rurais ainda prevalece essa cultura do namoro ter que ser aprovado pelos pais. Caso contrário, haverá conflitos como aconteceu no caso do Manoel e suas filhas. Por um lado, admite que no passado fora uma pessoa rígida na criação com as filhas refletindo em comportamentos desagradáveis. Prova disso, são algumas atitudes de desobediência das mesmas em não atender os conselhos da mãe por razões que culminam na gravidez da filha mais velha que foi um dos sujeitos desta pesquisa como das outras. Hoje reconhece que tal forma de educação ou imposição de regras rígidas não funciona para a nova geração.

Natacha no começo de sua conversa revela não saber o porquê de sua filha tê-lo engravidado tão prematuramente. Depois de pensar por alguns segundos lembra de um fato muito importante, principalmente entre os povos rurais, as dos filhos serem obrigados após a conclusão dos anos que correspondem ao primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental, estes são transferidos para outras instituições de ensino, em uma escola polo também da zona rural, utilizar transportes escolares, ou então se locomover até a cidade, ou vir morar na zona urbana com alguém da família, parente ou algum conhecido.

Acontece, que quando isto ocorre, os filhos se distanciam dos pais e estes não conseguem mais controlar a vida destes adolescentes como antes.

Então, foi pensando por este parâmetro que a Natacha encontrou a resposta para a gravidez repentina de sua filha, como a declarou, que quando a estudava na escolinha bem perto da sua casa, ela tinha como rastrear seus passos, depois que precisou se ausentar todos os dias para longe de seu alcance, aconteceu o inesperado.

Isso se concretiza no que Duarte (s.d, p.43), já havia pesquisado de que chegará um dia em que “a adolescente nota que é olhada de forma diferente, ouve galanteios na rua, na escola (...) toma consciência de que causa admiração e interesse”. Quando isto passa a acontecer, a jovem passa horas em frente ao espelho, penteando, despenteando-se, tentando descobrir um toque pessoal. Se pinta as vezes até exageradamente buscando adequar-se à nova identidade que é ser mulher, e não, mas uma criança.

Segundo a situação acima, esse processo de descoberta de que a jovem já adquiriu nova identidade, não se sentir, mas criança e sim mulher, onde os galanteios e elogios não acontecem quando os pais estão presentes, foi o que aconteceu com a dona Natacha, quando afirmou dizer que nem sabia que a filha namorava, quando percebeu estava grávida.

A informante Edilaura, por sua vez destacou em sua fala o que alguns autores pesquisados já haviam falado, como Duarte (1998), Diniz (2010), Santos Junior (1999), Dadooriam (2003), de que os adolescentes não procuram os pais para dialogar sobre o assunto

da sexualidade, fazer perguntas e tirar suas dúvidas, por algumas razões como já vimos na primeira categoria. Então isso se consolidou no desabafo de dona Edilaura quando fala que sua filha não lhe falava nada, quando a percebia já havia concebido, e o irresponsável, pai da criança, desaparecido.

A mesma informante ainda reforça o discurso predominante do senso comum, de que se sua filha estivesse lhe procurado para falar antes, ela já teria bastante experiência para lhe orientar a não cair nas mãos de bajuladores.

Quanto a representante da gestão, diante do questionamento, porque as adolescentes estão engravidando tão precocemente, e dar sua opinião, ela declara:

(...) o que realmente está levando essas meninas a engravidarem cada vez mais cedo, mesmo com toda essa demanda de informações que temos hoje, o maior problema está na família. Falta de orientação da própria família, para que as mesmas tenham um psicológico amadurecido para enfrentar os momentos negativos e positivos da vida.

(Valentina, representante da gestão, entrevista em 17/03/2018).

No desfecho do discurso acima, a representante da gestão da escola pesquisada em sua primeira afirmação destaca uma das causas mais relevante deste estudo sobre o principal motivo do alto índice de gravidez entre adolescente nos últimos anos envolvendo a escola que é a falta de orientação por parte das famílias, a ausência de diálogos, por vergonha ou mesmo tabu, ou simplesmente por ser uma cultura que vai passando de pai para filho.

As famílias do campo preservam a cultura tradicional e omitem a falar sobre sexualidade com seus filhos, e muito mais orientar-lhe a andar prevenido com preservativos na bolsa. Isso para muitos poder ser o fim do mundo caso encontre entre os objetos pessoais de seus jovens, um pacote de camisinha.

E muitos mesmo se omitem a falar no assunto com os filhos alegando ser papel da escola, e também, por outro lado não se sentem a vontade pra falar, terem vergonha, uns mesmo ainda acham que é assunto proibido, que se for falar como usa a camisinha, ou andar sempre com uma na bolsa já é um incentivo a prática da imoralidade.

(Valentina, representante da gestão, entrevista em 17/03/2018).

Outro fator que ela destaca é a questão de a jornada de trabalho do povo rural ser na maioria dos casos muito intensa, os pais passam a maior parte de seu tempo separados dos filhos, por condições financeiras precárias, e precisam trabalhar muito para ganhar tão pouco, que é uma realidade dos colonos e geralmente os filhos ficam o dia todo vulneráveis sem um acompanhamento de um adulto responsável vindo a ser vítimas de pessoas mal-intencionadas como declara:

Hoje em dia, um dos maiores problemas está relacionado ao trabalho. Quando tanto o marido como a mulher trabalha o dia todo fora de casa. Assim os filhos ficam muitas vezes soltos pra fazerem o que bem querem, e neste mundo o que não falta são aproveitadores que se aproveitam de situações como essa, e as vezes os pais já estando em cima já acontecem quanto mais não havendo assim um acompanhamento, uma aproximação mais ativa dos pais.
(Valentina, representante da gestão, entrevista em 17/03/2018).

A representante também destaca o papel da igreja em certos casos atrapalhar a questão do trabalho da orientação sexual dos jovens por causa da censura, principalmente no que diz respeito ao uso da camisinha ou qualquer outro método anticoncepcional, alegando ser pecado grave contra Deus. “Por outro lado, ainda há a censura da igreja, de que o uso de métodos anticoncepcionais é pecado contra Deus e as doutrinas da igreja, tudo isso ainda contribui para que esse índice só cresça em pleno século XXI (...)”. (Valentina, gestão escolar, entrevista em 17/03/2018).

É importante frisar que nas declarações desta informante, mesmo esses fatos terem ocorridos com as jovens em pleno exercício de seus estudos, sendo alunas da escola, ela não mencionou que a instituição também falhou na orientação destas jovens, simplesmente culpou as famílias nas condições dos pais, como também a igreja. Por outro lado, ainda alega que muitos pais pensam ser papel somente da escola. Nestes casos, se a família tem falhado drasticamente na orientação de seus filhos, a escola também.

Quando ela fala do amadurecimento psicológico, se referindo apenas a família, acreditamos não ser papel apenas da mesma trabalhar essa questão, mas principalmente da escola, porque ela vai trabalhar a formação moral, ética e futuramente profissional do ser humano.

3.2 A PRÁTICA PRÉ-MATURA DO SEXO NA VIDA DAS ADOLESCENTES

Esta categoria aborda as consequências enfrentadas pelos sujeitos desta pesquisa, de como toda gravidez prematura e não planejada traz a uma família.

Para Vitiello (1999), muitos jovens adolescentes entram na vida sexual prematuramente, por falta de esclarecimentos por parte dos pais, onde uma grande demanda mesmo em pleno século XXI, ainda se omitem em falar abertamente com seus filhos sobre o assunto de forma adequada, estes podem vir a ser influenciados fora do contexto familiar, de maneira ilícita, distorcida e irresponsável sem nenhum critério científico e seguro. Segundo afirma Damiani:

A maternidade na adolescência apresenta-se como um processo social, não afetando os jovens, mas toda a sociedade. Gravidez e parto na vida das adolescentes constitui uma desvantagem social diferenciada por renda, iniciando predominantemente sobre as mulheres mais pobres (DAMIANI *apud* DUARTE, 2003, p. 32).

A análise desta categoria está fundamentada nos estudos de Duarte (1998), o qual descreve:

A gravidez na adolescência é um desafio social e não um problema exclusivo da adolescente que normalmente, fica muito sozinha nesse período, pois o companheiro, também adolescente, assustado as vezes se afasta; os pais, defensores da moral vigente, esbravejam, agridem e levam a depressão (...) a gravidez na adolescência significa uma rápida passagem da situação de filha para mãe, numa transição abrupta do seu papel de mulher ainda em formação para o de mulher-mãe. Nesse sentido, é um desafio que merece preocupação redobrada e reflexão continua da sociedade como um todo (DUARTE, 1998, p.119).

O casamento obrigatório em muitos casos torna-se o caminho mais rápido para ocultar o pesadelo que ameaça os códigos de honra da família, o que poderá se constituir num descaminho, gerando novos conflitos e separação. Daí então será discriminada por ser mãe, adolescente e separada (DUARTE, 1998).

Segundo Duarte (1998), em nível psicológico, a gravidez é vivida como um período de muitas perdas. É o corte no desenvolvimento, a perda total ou parcial da identidade seguida de questionamentos como:

“Quem sou eu? Criança, adolescente, jovem ou mulher?”; a interrupção da formação educacional e/ ou profissional, a perda da confiabilidade da família; muitas vezes é a perda do namorado ou companheiro que não quis assumir a gravidez; é a perda da expectativa do futuro, do sonho de ser diferente da mãe, da idealização de profissões que estão na moda, geralmente impostas pelos meios de comunicação; e também a perda da independência adquirida junto aos pais, para a submissão ao marido, quando houver casamento, numa perda da proteção da família que agora a vigiará dia e noite (DUARTE, 1998, p.108).

Em sua grande maioria a adolescente está muito sozinha no processo de descoberta de sua gravidez e em inúmeros casos terá de assumir a maternidade. Sendo cobrado pela mãe, pai, irmão o que dificulta em possíveis vínculos amorosos a sua autoestima enquanto ser humano, levando-a a ideia de que nunca mais será a mesma, assim, como nunca mais será feliz, nunca mais poderá se apaixonar novamente e nem ter momentos gratificantes, e isso a desnorteará. Esses caminhos ainda não trilhados pela jovem podem levá-lo ao fundo do poço, quando ela ganha nesta caminhada uma gravidez que não estava em seus planos (DUARTE 1998).

A desilusão e o transtorno de uma gravidez precoce desestruturam todos os sonhos das jovens adolescentes ao ter que lidar com situações reais de compromisso e

responsabilidade demasiadamente grande e não está preparada para assumir tarefa de adulto. Reflexo de comportamento adotado “na era do ficar” onde adolescentes muitas vezes embarca em atividades eróticas com desembaraço (Tiba, 2014, p. 67). Por vezes a falta de maturidade os leva a se expor a situações arriscadas, que podem trazer consequências graves tanto para eles como para sua família com maior peso as garotas por ser quem carrega a gravidez dentro de si.

Para ele, até para “ficar”, é preciso ter preparo e cuidado para não engravidar. “A gravidez precoce é um sucesso biológico e um fracasso psicológico e social”. Porque o “ficar” é uma manifestação mais sexual que afetiva. Se os “ficantes” se “permitirem seguir somente o curso biológico das manifestações de carinho chegarão a relação sexual e a consequente possibilidade de gravidez já que são férteis” (TIBA 2014, p.68).

Em pesquisa realizada entre adolescente que contraíram gravidez, salienta que tal fator é um desafio duplo entre o sentimento e a razão como descreve:

O problema da gravidez na adolescência é de modo geral enfrentado com dificuldade. As adolescentes, repletas de novas sensações, sentem-se tomadas por sentimentos muito fortes e as vezes até inexplicáveis para elas. Querem, “mas não podem” deixar se levar por essas sensações, e aí o sentimento e a razão entram em choque. As sensações fortemente excitantes acabam se comportando como um rio turbulento – inundam o árido terreno da razão -, o que na maioria das vezes faz com que as relações sexuais entre adolescentes sejam impulsivas, aumentando os riscos de gravidez (DUARTE, 1998, p.117).

Reforçando os preceitos quando a jovem opta pelo aborto é comum esta perder o namorado e a família. É comum também vivenciar sozinha essa experiência, suas sequelas e sentimento de culpa surgindo pensamentos questionadores que perpassam: “Como aguentar a gravidez sozinha”? “Eu fui fraca por isso que abortei”. “Eu fui obrigada”. “Hoje seria mais forte se tivesse meu filho”. Estas são as manifestações comuns da síndrome do arrependimento tardio mesmo que a adolescente tenha optado por abortar se esquecerá de que tomou a decisão e se questionará sempre.

Duarte (1998, p.117), frisa que tanto a questão do aborto quanto a questão da adoção da criança sem planejamento são decisões que deve passar por um preparo psicológico por parte da adolescente, uma vez que é “muito difícil para a mulher e imensuravelmente mais difícil nos casos das adolescentes que tem dificuldades de aceitar a realidade do mundo adulto e de lidar com o luto dos sonhos desfeitos”.

Para tanto, fortalece essas afirmações dizendo que:

Se para uma mulher adulta ser mãe é difícil, tendo dificuldades de intervir com seu companheiro, mais dificuldades terá uma adolescente para assumir o novo papel. Ela que ainda está se adaptando com a aparição de pelos, com o crescimento das mamas, dos braços e pernas, com o contorno das novas formas, durante nove meses sofrerá outras transformações que podem fazê-la esquecer de seu corpo de adolescente (Duarte, 1998, p.11).

Desta forma, a maioria dos casos de gravidez indesejada vem através dos casos mais corriqueiros que em pleno século XXI ainda continuam a ser um dos grandes problemas familiar e social, como a recusa na utilização de produtos contraceptivos ou o seu uso inadequado (DADOORIAN 2003; POMMÉ 2006; DINIZ 2010).

Com base no estudo levantado por Tiba, há uma relação bastante linear com o que argumenta Hanigan (1999, p.14), quando admite que “em todas as sociedades existem os casos de gravidez indesejada, os quais sempre existiram e muito provavelmente continuarão a existir no futuro”.

Desta forma, nem a moralização ou a educação sexual em casa ou nas escolas ou as punições seguidas de ameaças legais conseguirão mudar essa situação apesar de sermos capazes de diminuir seu alto índice de variadas formas (HANIGAN, 1999).

A maternidade de modo precoce representa riscos tanto para a adolescente como para seu filho. Complicações relacionadas com a gravidez estão entre as principais causas de morte entre mulheres de 15 aos 19 anos. Todos os anos, a nível internacional, pelo menos 60 mil adolescentes morrem em decorrência de complicações na gravidez e no parto. Além disso, bebês nascidos de mães jovens são mais propensos a apresentar baixo peso e a morrer por desnutrição e problemas infecciosos no primeiro ano de vida. A cada ano, mais de quatro milhões de mulheres no mundo se submetem ao aborto em condições de riscos, muitas vezes ilicitamente sob os cuidados de pessoas desqualificadas (CANNON, 1999).

Diniz (2010, p.21), salienta que socialmente a gravidez perfeita é vista como um processo na qual há participação efetiva de duas pessoas, ou seja, um futuro pai e uma futura mãe. As adolescentes grávidas que não podem contar com a participação do parceiro, podem sofrer, em algumas realidades, discriminações. “O próprio termo mãe solteira da forma como é usado, muitas vezes tem uma conotação pejorativa”.

No caso de uma gravidez precoce a adolescente deve então tomar uma decisão tendo basicamente quatro escolhas: casar mesmo que seja contra o seu gosto, fazer um aborto mesmo sabendo que correrá sérios riscos, podendo ficar com sequelas irreparáveis, levar a gestação até o termino, conservando o bebê ou então levar a gestação até o final e entregá-lo para adoção (DINIZ, 2010).

Com relação as consequências enfrentadas pelas jovens em resposta a reação da família o que mudou em suas vidas, comentaram:

(...) a reação de minha família, primeiramente (...) ficaram muitos revoltados porque eu tinha apenas 17 anos, tava estudando, muito nova, (...) o pai sempre é mais rígido, ficou assim bem afastado de mim, as vezes me criticava, me chamava de burra porque tinha engravidado (...), tinha aquele preconceito comigo. (...), aí a minha irmã foi lá pra tentar conversar com o pai da criança, pra falar o que ele fez e ele foi embora e me deixou. O mais revoltante foi essa, ele fugiu, me deixou (...).
(Nana, entrevista em 20/03/2018).

(...) a minha vida quanto estudante mudou completamente porque eu parei de estudar. O que eu foi fazer, foi trabalhar pra me manter a minha gravidez e pra mim poder criar a minha filha, isso que eu fui fazer, depois eu já fui fazer, depois dela já grande eu fui fazer 5ª e 6ª aí eu parei de novo (...).
(Nana, entrevista em 20/03/2018).

(...) a reação de minha família quando souberam de minha gravidez eles não ficaram revoltados não. Ficaram decepcionados e tristes sim, porque o sonho deles era que eu me formasse, mas aconteceu, eles me apoiaram, vão criar o neto, e vão me apoiar a voltar a estudar, foi essa a conversa que tiveram comigo (...) eu parei de estudar assim que tive certeza que estava grávida, até porque, a minha gravidez está sendo um pouco complicada, as vezes passo mal, sinto coisas estranhas, e tenho que está com acompanhamento médico direto, mas pretendo sim continuar meus estudos após o nascimento da criança, (...)
(Nina, entrevista em 12/03/2018).

Segundo os acontecimentos que acompanharam os relatos desta primeira informante, o que aconteceu foi exatamente o fato mais corriqueiro que acontece em situações como esta, do pai negar a paternidade, fugir e deixar a jovem só pra enfrentar as revoltas de sua família, trancar os estudos e depois do nascimento da criança se lançar ao trabalho informal para ajudar a criar seu filho.

Muitas jovens passam a sofrer deboches, represálias por parte de membros da família, como no caso do pai de Nana, que o comparava a um animal indesejado (burra), por haver engravidado tão nova.

Geralmente muitas dessas jovens não voltam a estudar, e quando retornam, na maioria das vezes não chegam a concluir o Ensino Médio, como no caso de Nana. E a falta de formação profissional adequada torna-se sinônimo de desemprego, ou ser obrigadas ao trabalho informal, sem nenhuma vantagem. Por diversas razões, não veem outra saída senão a do casamento obrigatório em muitos casos sem um sentimento de paixão que as vezes não duram acabando a trazer maiores sofrimentos.

Pommé (2006, p.18) em seu estudo declara que “a gravidez é uma situação de crise, que tanto pode ser um perigo como uma oportunidade de crescimento”. Defende que toda

gravidez enfrenta uma modificação brusca e intensa tanto em seu corpo como em sua mente. Deixando a jovem muitas vezes assustada, pois, tem medo de ser modificada e não voltar a ser a mesma pessoa. E também do receio de não ser uma boa mãe e de não conseguir exercer outros papéis na vida.

No caso de Nina, por mais que não tenha sofrido agressões verbais e psicológicas, mas a decepção da família o atingiu, quando relata que o sonho deles era o verem formada, e não sendo mãe tão cedo.

Até porque toda gravidez na adolescência é de risco, como comentou Nina, que sente muitas coisas estranhas, e precisa de acompanhamentos médicos com frequência.

Ficou claro nas afirmações de Nina, que o pai da criança não assumira, quando esta diz que os avós criarão o neto. Então é mais uma nas grandes estatísticas de adolescente e mãe solteira, que não saberá seu futuro. Acredita ser possível voltar a estudar, pelo menos pra assegurar o Ensino Médio.

E nisto se consolida o que alguns autores já citados como Duarte (1998), Dadoorian (2003), Diniz (2010) e Santos Junior (1999), afirmam serem as famílias de baixa renda mais passivas a aceitar tal situação aumentando assim o índice de pobreza nas mesmas, porque será mais um integrante na família que precisará de cuidados, sem um aumento da renda familiar.

A realidade dos povos do campo e de famílias de baixa renda, muitos levam uma vida abaixo do nível de pobreza, em entrevista aos pais destas jovens sujeitos desta pesquisa, todos falaram ser pessoas não alfabetizadas, que levam uma vida simples, porém que se esforçam em dar o melhor para os netos, como também apoiar na volta aos estudos das filhas, no caso das duas jovens entrevistadas.

Os pais ao serem indagados sobre os problemas enfrentados pela sua família, assim como as consequências da gravidez precoce das filhas, relatando que:

(...) eu fiquei furioso. Queria pegar minha espingarda e ir dar fim no sacana que emprenhou ela, mas meus amigos me chamaram e me aconselharam muito. O sacana pai da criança fugiu, (...), ela começou a trabalhar pra ajudar nas despesas da casa né? Porque fica pesado só pra mim, (...) ela agora só trabalha pra ajudar nas despesas da casa porque só de minha aposentadoria não dá né? Eu sou doente, não posso trabalhar em outras coisas pra ajudar, mas ela pretende voltar a estudar ainda, e eu não sou contra, as crianças já estão grandinhas (...).
(Manoel, entrevista em 04/03/2018).

Segundo Pommé (2006, p.19), engravidar na adolescência “é dose dupla de crise, e crise é ter a vida toda revirada as vezes de ponta a cabeça! É nos momentos de descoberta que a palavra mais gastada tanto no pensamento, quanto nas falas e exclamações é

arrependimento”, muitas perguntas surgem como: e agora, o que será de mim? Questionamentos como: - se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente, mas agora é tarde.

Quando acontece caso de gravidez de modo surpreendente na adolescência, geralmente o pai não assume a responsabilidade, especialmente quando este é também um adolescente. Para o homem, em alguns casos quando se tratam de uma pessoa sem nenhuma responsabilidade e escrúpulo, o mesmo se sentir orgulhoso, divulgar e se exibir aos colegas, achar-se superpotente, porém, para as mulheres é motivo de vergonha, culpa, medo, desemprego, necessidade de trabalho, interrupção nos estudos e casamento forçado. (POMMÉ 2006; SANTOS *et al*, 2010).

(...) o pai está ajudando, mas ele não falou que vai assumir depois. Até porque o pai dela não deixa, porque ela ainda é muito nova (...) pra arranjar marido e ele disse que um filho não é perdição a ninguém e que ela tem que estudar (...) que não demora ela já está grande e disse que não vai forçar a filha dele a ficar com ninguém, porque depois ela pode penar, porque pode não dar certo. Não forçar, porque, deixar liberto, vai dele e dela, e nós vamos apoiar ela a voltar e continuar com os estudos. Enquanto isso ela vai continuar morando com nós, tanto ela como a bebê quando chegar.

(Natacha, entrevista em 12/03/2018).

Outra consequência advinda da gravidez na adolescência, que ela é um desafio social e não um problema só da adolescente, “que em sua maioria, além de estar assustada com a gravidez, fica sozinha nessa fase, porque as vezes pai e amigos e familiares se afastam, agriem, desencadeando ainda mais conflitos” (DINIZ, 2010, p. 21-22).

Segundo Diniz (2010), se torna muito difícil para uma pessoa logo no começo da juventude ter de encarar tal situação, porém, seria o ideal para ela controlar seus conflitos, evitando assim um transtorno maior como a depressão como podemos averiguar quando,

As adolescentes devem ser amparadas por todas as pessoas que a cercam e também preparadas física e psicologicamente no pré-natal para o parto quanto para o puerpério e amamentação. A adolescente grávida precisa de oportunidades para retornar e repensar seu papel social, de cidadã, de mulher, de mãe, desenvolvendo assim uma autoestima favorável para que dessa fase em diante possa obter maior equilíbrio apoio e uma melhor perspectiva de futuro para a sua vida e de seu bebê (DINIZ, 2010, p. 22).

Para Pommé (2006), o fato de que uma adolescente quando engravida de forma indesejada, ela queima etapas da vida, ou seja, passa direto da adolescência para a vida adulta, sem vivenciar a mesma, isto é, a um pulo brusco de uma etapa da vida para outra bem mais elevada, sem mesmo haver passado por uma fase que deveria preparar melhor para a próxima.

Para ela, o parto tem significados importantes na vida de qualquer mulher, principalmente para uma adolescente. “Você está passando por dois ritos de passagem: de criança para mulher e de filha para mãe. Procure ajuda para aproveitar melhor esse momento de crescimento tão importante” (POMMÉ 2006, p.75).

Depois do parto a jovem que adorava as festas, bailes, balneários, terá agora que balançar seu corpo ao som do choro da criança. Que caminhava pelas ruas do bairro e adorava exhibir seu corpo em plena formosura, agora se incomoda ao ser mostrada como exemplo. Se estiver casada perceberá como é difícil ser adolescente, mulher e mãe, se não casou enfrentará várias pressões por parte da família, caso se relacione com um namorado, a família dele a perseguirá; as casadas e as solteiras param de estudar e as vezes, também de trabalhar (DUARTE, 1998).

Em linhas gerais,

A adolescente grávida precisa encarar sua gravidez a partir do valor da vida que nela habita, precisa sentir segura e apoio necessários para o seu conforto afetivo, precisa dispor bastante de um diálogo esclarecedor e finalmente da presença constante de amor e solidariedade que nos altos e baixos emocionais comuns na gravidez até o nascimento de seu bebê. A família tem papel importante na gravidez da adolescente... para enfrentar essa nova realidade e as mudanças que irão ocorrer durante o período de gestação e modificação no seu organismo e prepará-la para acolher o seu bebê... (DINIZ, 2010, p. 28).

Entre todos os autores citados e debatidos neste item, uma reflexão merece destaque, tendo como referência a última citação de Diniz, com relação aos dramas vividos por uma mãe adolescentes, de que tal situação não pode mais ignorar o fato de que essas jovens também morrem por complicações que provém da gravidez. Por assim proceder, faz-se necessário um trabalho junto aos profissionais da saúde da família, com objetivo de orientar essa clientela estimulando os cuidados com a saúde nessa faixa etária.

(...) ela não está estudando agora, tá trabalhando, mas ela fala que ainda quer voltar a estudar, não sei se vai dar certo (...) Porque aconteceu comigo né por isso que sempre eu não fez não fez reação ruim com minhas filhas porque eu passei muito ruim, sofri muito mesmo, passei sacrifício. Aí eu saí (...). Saí com quatro meses de gestante, aí eu fui andar, fui pra Belém, sofri muito, por isso que eu não, não coisa com minhas filhas, que eu sofri. Só eu sei o que eu passei (...).
(Edilaura, entrevista em, 06/03/2018).

De acordo com os relatos acima podemos mencionar Duarte (1998), e outros que já haviam pesquisado sobre quando uma adolescente engravida a primeira coisa a se fazer é parar de frequentar as aulas, como ficou claro também nas afirmações das jovens entrevistadas.

Na fala dos três pais entrevistados, todos se declararam a favor de as filhas voltarem a estudar, assim como apoiá-las. Foi perceptível que todas as jovens entrevistadas estão paradas com os estudos. Duas delas apenas trabalhando e uma, a que ainda estava grávida no momento desta entrevista não estava trabalhando nem estudando, apenas esperando a chegada do bebê.

Todos pretendem que as filhas voltem a estudar futuramente, mas, um caso nos chamou a atenção, que foi o de dona Valentina, quando falou que mesmo querendo que a filha volte a estudar, mas não sabe se vai dar certo. Isso se explica o fato de ser necessário trabalhar pra cuidar da criança, vindo a não ter mais tempo disponível para os estudos, ou seja, o futuro estudantil dessas jovens pode ser incerto, dependendo da situação, ou em relação ao trabalho ou ao casamento.

Segundo Seu Manoel, uma das consequências enfrentadas por ele foi que além da decepção, a revolta em ver a filha grávida e a negação da paternidade por parte do pai, vindo estes a fugir e deixar a jovem enfrentar a fúria da família só, como também a cuidar da criança. Além do mais, ainda correu o risco de se tornar um criminoso caso seus amigos não o acalmasse sua ira vindo a assassinar seu desafeto com sua arma, o que culminaria com sua prisão, complicando ainda mais a situação financeira da família.

Seu Manoel ainda declara ter problemas de saúde, que mesmo sendo aposentado não é suficiente para arcar com as despesas da casa, por isso diz ser necessário o trabalho da filha para ajudar.

No caso de Natacha, mesmo o pai da criança não haver fugido como nos outros casos, e estar ajudando com as despesas da gravidez da jovem, não se declarou que assumirá a jovem e a criança futuramente, o que é um dos casos bem comuns entre gravidez na adolescência.

Relata ainda, que seu pai, mesmo que o pai da criança quisesse assumir, ele não a consentiria, por se tratar de dois jovens muitos novos sem nenhuma experiência, podendo não dar certo o relacionamento, e assim poupar sua filha de maiores sofrimentos e decepções futuras. Por esse motivo ele prefere criar o neto e apoiar a jovem a seguir com os estudos deixando claro que só pelo fato ocorrido, tudo não está perdido, pelo contrário, pode ser um recomeço.

Para Pereira (2002), outro fator que implica uma gravidez precoce e um possível casamento forçado, são os altos índices de separações entre casais de jovens adolescentes devido à falta de experiências que estes não têm da vida a dois, das responsabilidades que cada um tem de assumir uma família particular. Segundo ela, outro fator está ligado muitas

vezes ao fato de que um dos casais não se desprender totalmente da liderança dos pais, uma vez que estes ainda passam a exercer um papel fundamental de liderança na vida do casal, implicando assim no desentendimento dos dois e posteriormente a separação.

Por outro lado, Duarte (1998, p.106), destaca que no caso do pai da criança assumir a paternidade, a jovem, muitas vezes pagará muito caro. Será cobrada e humilhada, terá que engolir muitas injúrias por parte deles como: “eu hoje vou sair com alguns amigos”, “Você quis casar, agora tem que fazer o que eu quero”. Ele continuará idêntico, fazendo de tudo o que fazia antes e ela, pelo contrário, curtirá sozinha sua solidão. “O viver a dois induzidos, não programado é um problema concreto; o adolescente não foi preparado para ser pai, por isso dificilmente estará disposto a viver com limitações”.

No caso de Edilaura aconteceu um dos casos muito falado por alguns dos teóricos citados, bem como Duarte (1998), e Dadoorian (2003), de que geralmente quando uma adolescente engravida sua mãe também concebeu na adolescência entre as famílias populares.

Em razão a tal situação, há uma aceitação mais acentuada entre as famílias de baixa renda, pelo fato de haver ocorrido casos semelhantes no passado, vindo a se concretizar na filha também.

Segundo os relatos de Edilaura, de não se exaltar com a gravidez de sua filha porque se lembrou do que aconteceu com ela mesma no passado ao lembrar de seu desespero e sofrimento que enfrentou com sua gravidez ao ser expulsa de casa, por esse motivo resolveu acolher a filha para não ficar com as marcas negativas na alma com rejeição por parte da família.

Nesses casos, segue-se uma cultura típica dos povos de baixa renda, em dizer que fazem de tudo pelos filhos, para não o verem passar as dificuldades e sofrimentos das quais passaram. Isso ficou caro na fala da última informante.

Embora não tenha sido relatado pelos informantes, de acordo com o estudo realizado, a questão do aborto é também um dos problemas enfrentados pela adolescente grávida. Para Pereira (2002), o alto índice da prática clandestina de abortos e a falta de uma sólida orientação sexual entre adolescentes, pois quando descobre que está grávida sempre é abandonada pelo parceiro passando a sofrer. Por isso, a melhor solução para solucionar o problema é recorrer a prática do aborto por meio de remédios, ervas abortivas ou clínicas clandestinas.

Uma adolescente se submete a um grande risco ao praticar um aborto, são situações muito extremas como mostra o Ministério da Saúde no Brasil, mesmo sabendo das consequências que irá sofrer tanto física quanto psicológica uma jovem que engravida

prematuramente e indesejada, não ver outra saída senão recorrer a tal prática (PEREIRA, 2002).

Segundo a mesma autora, além das drogas, outro fator que a muitos anos vem afetando as famílias, é o problema da gravidez precoce entre jovens adolescentes, marcando negativamente a vida dessas pessoas por toda a sua existência, quando esta não vem logo a óbito. Se conceber uma criança sem primeiro haver amadurecido seus órgãos reprodutores, já se considera um grande risco não só a saúde quanto a vida da adolescente, quanto mais a prática clandestina do aborto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo no que diz respeito a sexualidade humana, e o sexo em sí, e que ambos estão ligados a vida de cada ser, por fazer parte da nossa natureza, em conclusão a longa jornada desta pesquisa que buscou compreender este fenômeno, seus conceitos, funcionamento, assim como sua prática e acompanhada dela os problemas tanto pessoais quanto sociais entre adolescentes, quando estes começam a praticá-la de forma pré-matura, declaramos que nossos procedimentos metodológicos foram compatíveis, para delinear este estudo ao alcance de seus objetivos com êxito.

De início a questão que problematizou esse estudo foi: “Quais as principais causas da gravidez precoce segundo os adolescentes do ensino fundamental do espaço rural do município de São Miguel do Guamá?” Problema esse que lançamos ao campo da pesquisa em busca da resposta por intermédio de entrevistas com os sujeitos selecionados.

Através das respostas destes, constatamos que a ausência de diálogos na família, pela falta de esclarecimento dos pais, por muitos ainda o terem como assunto proibido, e com isso não havendo nenhuma orientação a estas jovens em seu ambiente familiar, estas se tornam pessoas vulneráveis a serem facilmente enganadas por homens mal-intencionados.

De igual modo foi confirmado que a falta do uso de preservativos assim como a ausência do uso de métodos contraceptivos foi uma das principais causas para a gravidez entre essas adolescentes.

Outro ponto constatado foi procurar saber se a escola fonte deste estudo trabalha as questões relacionadas a orientação sexual com os alunos e, tivemos a confirmação através da fala da gestão escolar de que a mesma nunca havia trabalhado o tema exclusivamente, apenas algumas palestras o que evidencia como insuficiente.

Diante da realização deste trabalho é possível afirmar que as maiores causas para a gravidez precoce entre adolescentes estudantes da referida escola é a falta de orientação e diálogo ao retratar preconceitos e tabus tanto na família das jovens quanto na escola.

E isso se confirmou tanto nas entrevistas realizadas na pesquisa de campo, como em autores que fundamentaram teoricamente este trabalho. Uma vez que os resultados demonstram que o problema referente a gravidez precoce entre adolescentes estudantes, a anos vem ocorrendo na instituição pesquisada, e nenhuma atitude foi ou é até então tomada para tentar diminuir a demanda.

Ficou evidente neste estudo que uma das maiores consequências enfrentadas pelas adolescentes é a paralização nos estudos, sendo que algumas não voltam mais a frequentar a

escola, e as que retornam, o máximo que atingem é o Ensino Médio, deixando as jovens condenadas a falta de oportunidade no mercado de trabalho, e se lançar ao trabalho informal desde muito cedo para cuidar da criança e as vezes um casamento prematuro que em alguns casos não duram por muito tempo.

Foi notório também, assim como consolidando com alguns autores citados, de que as famílias que mais sofrem com essas causas são aquelas menos estruturadas, onde não há diálogos, onde os responsáveis passam a maior parte de seus tempos fora do ambiente familiar em jornadas de trabalhos longas, ficando os filhos vulneráveis aos enganadores.

Para finalizar esta exposição reflexiva, deixamos alguns questionamentos em aberto, pois este tema é abrangente, pertinente e em alguns casos polêmico, e um trabalho como este não tem como abarcar todos os problemas relacionados, isto a nível municipal, tais como: O que fazer para ajudar as instituições escolares do município a diminuir a demanda de gravidez entre adolescentes? Será possível incluir no currículo do município formação continuada para os professores relacionados a educação e orientação sexual dos alunos? O que fazer para resgatar tanto a auto estima como o retorno destas jovens e sua permanência aos estudos?

Deixamos como proposta o lançamento da temática a ser abordada na Conferência Municipal de Educação e para as diretrizes do currículo escolar maior ênfase neste assunto ao longo do ano letivo no sentido de orientar e conscientizar os jovens e em especial as adolescentes quanto a orientação de uma vida sexual precocemente. Também ressaltamos a relevância de proporcionar aos docentes da escola encontros, diálogos e reflexões a respeito do tema no sentido de viabilizar estratégias metodológicas que possa contribuir na formação dos mesmos e dos alunos no contexto escolar.

REFERENCIAS

ARRUDA, Debora Pinho, *et al.* **O dito e o não dito na educação sexual**; uma produção discursiva. Ceará, Universidade Federal do Ceará: 2012.

ALMEIDA, Maria da Conceição Chagas de. **Gravidez na adolescência e escolaridade**: um estudo em três capitais brasileiras: Universidade Federal da Bahia, 2008.

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de. CENTA, Maria de Lourdes. “A família e a educação sexual dos filhos”: implicações para a enfermagem. In: *Educação sexual dos filhos: o olhar da família*. Programa de pós-graduação em enfermagem da Universidade Federal do Paraná, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

AGENCIA BRASIL. Gravidez na adolescência tem queda de 17% no Brasil. Brasília: 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/gravidez-na-adolescencia-tem-queda-de-17-no-brasil>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

BRITO, Debora. Gravidez precoce ainda é alta, mostra dados. Cuiabá: 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/gravidez-precoce-ainda-e-alta-mostram-dados>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

Brasil tem sétima maior taxa de gravidez adolescente da América do Sul. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-tem-setima-maior-taxa-de-gravidez-adolescente-da-america-do-sul/>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

CANNON, Lucimar Rodrigues Coser, *et al.* **Saúde e desenvolvimento da juventude brasileira**. Brasília: Secretaria de Política de Saúde, 1999.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade (s) e infância (s)**. A sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

CORREIO BRASILIENSE. Gravidez precoce: Brasil tem índice de País que permite casamento infantil. Brasília: 2015. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2015/08/18/internas_polbraeco,495139/gravidez-precoce-brasil-tem-indice-de-pais-que-permite-casamento-infa.shtml. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

DADOORIAN, Diana. **Gravidez na adolescência**: um novo olhar. Rio de Janeiro: Psicologia, ciência e profissão, 2003.

DINIZ, Nataly Carvalho. **Gravidez na adolescência**: Um desafio social. Minas Gerais: 2010.

DUARTE, Albertina. **Gravidez na adolescência**: Ai, como eu sofri por te amar. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

DUARTE, Albertina. **A adolescente está ligeiramente grávida, e agora?** Gravidez na adolescência. São Paulo: Iglu, s.d.

DUARTE, Ruth de Gouvêa. **Sexo, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis**. São Paulo: Moderna, 2003.

EGYPTO, Antônio Carlos. **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREITAS, Elizabete. **Gravidez na adolescência**. Campinas: Atual, 1990.

FINDLAY, Eleide Abril Gordon. COSTA, Mauro A. GUEDES, Sandra Paschoal de Camargo. **Guia para elaboração de projeto de pesquisa**. Santa Catarina: UNIVILLE, 2006.

FADE, Faculdade de Decisão. **Orientações básicas para a construção do projeto de pesquisa**. Pernambuco: Paulista, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FONSECA, Adriana Dora de, *et al.* **Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual**, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Copyright, 2014.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola**, mito e realidade. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

HANINGAN, P. James. “A gravidez indesejada e o bem comum”. In: RODRIGUES, Marcia Glória Domingues. *Gravidez indesejada: uma perspectiva Internacional*. São Paulo: Icone, 1999, p. 13-30.

LEÃO, Andreza Marques de Castro. RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. BENDIN, Regina Celia. Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre formação de professores. Revista do programa de pós-graduação em educação; v. 11, n. 01, p. 36-52, jan. / jun. 2010.

MARTINS, Celso. **Gravidez na adolescência**. Esclarecimentos para jovens, pais e educadores. São Paulo: DPL, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, *et al.* **Pesquisa Social**. Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MOROZ, Melanina. GIANFALDONI, Monica Elena Tieppo Alves. **O processo de pesquisa: iniciação**. 2 ed. Brasília: Livro Editora, 2006.

MONTEIRO, Denise Leite Maia *et al.* **Gravidez na adolescência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

MORENO, Ana Carolina. GONÇALVES, Gabriela. No Brasil, 75% das adolescentes que tem filhos estão fora da escola. G1. São Paulo: 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/no-brasil-75-das-adolescentes-que-tem-filhos-estao-fora-da-escola.html>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Neto, João Colares da Mota. “A construção de categorias de análise na pesquisa em educação”. In: MARCONDES, Maria Inês. OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação*. UEPA-Pará: 2011.

PINTO, Ênio Brito. **Orientação sexual na escola**, a importância da psicopedagogia nessa nova realidade. São Paulo, Gente: 1999.

PEREIRA, Claudia de Paula. **A sexualidade na adolescência**. Os valores hierárquico e igualitários na construção da identidade e das relações afetivo-sexuais dos adolescentes. S. Paulo: Fundação Osvaldo Cruz, 2002.

POMMÉ, Eliana. **Gravidez na adolescência**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

RAMOS, Jaclyn. **Gravidez na adolescência**: Projeto bibliográfico. Manaus: Centro Universitário do Norte, 2012.

REIS, Giselle Volpato dos. RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. “Sexualidade e educação escolar”: algumas reflexões sobre orientação sexual na escola. In: BORTOLOZZI, Ana Claudia Maria; MAIA, Ari Fernando (Org.). *Sexualidade e infância*. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília, 2005, p.35-42.

SANTOS JUNIOR, José Domingues dos. **Cadernos Juventude**: Saúde e desenvolvimento. V.1. 1999.

SANTOS, Elder Cerqueira, *et al.* **Gravidez na adolescência**: Análise contextual de risco e proteção. Maringá: psicologia em estudo, v. 15, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TIBA, Içami. “De garotinha a mãe num só pulo”. In: *Adolescentes: Quem ama, educa!* São Paulo: Integrare, 2014, p. 67-71.

XAVIER, Antônio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**, ciências humanas e sociais aplicadas. São Paulo, Respel, 2014.

VITIELLO, Nelson- in Marcos Ribeiro. **O prazer e o pensar**. 1ª ed. São Paulo: Cores, 1999.

VASCONCELOS, Naume de. **Amor e sexo na adolescência**. São Paulo: Moderna, 1985.